# EDITORIAL

Na estrutura do corpo humano o órgão da visão ocupa um lugar que só permite a visualização do que se passa à sua frente quando na posição natural de marcha. No entanto, o homem não deixa de usar a flexibilidade do seu pescoço para poder estar atento ao que se passa à sua volta ou, até mesmo, suspender a sua marcha, de vez em quando, fazendo uma rotação de 180 graus para visualizar o caminho percorrido e melhor avaliar o que falta percorrer.

A revista "Santa Casa" iniciou a sua publicação há precisamente 25 anos. É tempo que entendemos ser o de fazermos uma paragem para refletir sobre o caminho percorrido e a percorrer por esta publicação. Elegi, por isso, como tema do editorial deste número essa reflexão. Não para fazer qualquer juízo de valor sobre a revista em si ou sobre a influência que ela pode ter na vida da Instituição porque esse papel cabe aos leitores, mas sim para refletir sobre a necessidade ou não de mudanças que a atualizem. O mundo não evolui em linha reta; desloca-se continuamente descrevendo linhas sinuosas e não é fácil acompanhar essas mudanças do mundo. Parece-me fazer sentido, portanto, este momento de reflexão.



A primeira questão que aqui ponho é a de avaliar o seu desempenho geral ao longo destes 25 anos para verificar se ela foi evoluindo tendo em conta não apenas as mudanças que se foram dando na sociedade portuguesa, mas sobretudo as mudanças que se foram verificando no interior da própria Instituição – a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Lembremos que, em 1994, data em que foi publicado o primeiro número desta revista, a Misericórdia de Vila do Conde iniciava apenas o caminho que havia de percorrer até hoje. Nessa altura, tinha apenas em funcionamento o Lar de Terceira Idade e a Clínica de Medicina Física e de Reabilitação; hoje, dá resposta a problemas sociais muito mais variados. A Misericórdia cresceu nestes 25 anos como nunca em todos os cinco séculos da sua existência. Reflete a Revista "Santa Casa" esse crescimento da Instituição? Seja este o primeiro ponto de reflexão.

A segunda questão será a de considerar se a revista, durante estes 25 anos, se manteve sempre fiel aos objetivos traçados e definidos no seu primeiro número. Lembremos que na nota de apresentação do Provedor, o Eng. Arlindo Maia define como objetivo *«o de fazer história, equacionar carências sociais, divulgar actividades, sensibilizar e motivar as pessoas a participar na resolução dos problemas sociais que a todos preocupam»* e o Diretor, no seu primeiro Editorial, acentuou o incremento da solidariedade humana como fim principal desta publicação que será sempre *«um espaço de diálogo entre a Misericórdia de Vila do Conde e a comunidade»*.

**(continuação na página 3)**

# Sumário

**1 - Editorial**
- Dr. António Amorim

**4 - Plano de Atividades para o ano 2020**
- Dr. António Amorim

**7 - Falecimentos**
- Dr. António Amorim

**8 - Secretariado Regional do Porto em visita à SCMVC**
- Dr. Miguel Amorim

**10 - I Evento Incorpora Portugal**
- Dr.ª Marina Pinheiro, Drª Cristiana Figueiras

**12 - Visita a Bragança**
- Dr. Miguel Santos

**13 - Casa da Criança vencedora na 4ª edição do concurso Prémio António Sommer Champalimaud**
- Dr. Nuno Carvalho

**15 - Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência lança "Agendar Vida"**
- Dr. Sérgio Pinto

**16 - QUALIDADE, AMBIENTE E SEGURANÇA**
- **"O Futuro do Trabalho": V Fórum de Segurança da SCMVC**
- **"A Terra Treme" – Sensibilização para o risco sísmico**
- **Partilha de aprendizagens no 1st Quality Learning**
- Dr.ª Odete Cunha

**19 - DESPORTO**
- **SCMVC representada na Gala do Desporto 2019**
- **XIV Milha da Misericórdia une instituições através do atletismo**
- Prof. Pedro Silva

**22 - DO ARQUIVO**
- **Capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira - II Parte**
- Dr.ª Liliana Aires

**30 - CIMMVC**
- **Memórias em exposição - 2º semestre 2019**
- Dr.ª Liliana Aires

**34 - PROSAS BÁRBARAS**
- **" Uma Novidade Extravagante e Burlesca" (1.ª fase da vida literária de Eça de Queirós) - Parte II**
- Prof.ª Maria da Conceição Nogueira

**49 - ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS**
- Lar de Terceira Idade
- Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha
- Casa da Criança
- Centro Social em Macieira
- Centro Rainha Dona Leonor
- Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia



**REVISTA SEMESTRAL**

**ANO XXV - Nº 50**

**DEZEMBRO/2019**

**Gratuita**

Capa:

**Escultor SOUSA PEREIRA**

Propriedade:
**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA DO CONDE**

Diretor:
**ANTÓNIO AUGUSTO GOMES AMORIM**

Direção e Administração:
**Rua Rainha Dona Leonor, 123**
**4480-247 VILA DO CONDE**

Execução gráfica:
**NORPRINT**
A Casa do Livro

**Tiragem : 1100 exemplares**

# EDITORIAL

(continuação da página 1)

Finalmente, uma terceira questão, talvez a mais delicada mas não menos pertinente: a da necessidade de renovação da direção da Revista "Santa Casa". A permanência das mesmas pessoas nas mesmas funções durante muito tempo gera ações rotineiras por mais esforços de inovação que se façam. O hábito de fazer as coisas dificulta a flexibilidade de pensamento. Não se julgue que esta última questão é uma declaração de desistência; é, sim, uma posição racional de quem deseja que a Revista "Santa Casa" continue a servir os interesses da Misericórdia de Vila do Conde, ganhando novo fôlego com a colaboração de outras pessoas que tragam novas ideias.

**António Amorim**

# Plano de Atividades do ano 2020

No passado dia 30 de Novembro, reuniu a Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde a fim de apreciar, discutir e votar o Plano de Atividades para o ano 2020, apresentado pela Mesa Administrativa da Instituição.

Na Introdução do extenso texto de quase 100 páginas, a Mesa Administrativa começa por mencionar os equipamentos que, neste momento, a Instituição mantém em funcionamento para concretização das suas ações na área social e faz referência às atividades comemorativas dos 25 anos do Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha e às ampliações previstas: nova sala de creche em Macieira, nova ala dos Cuidados Continuados privada com capacidade para 16 camas, alargamento e adequação das instalações com benefício para os serviços do Exame de Diagnóstico Médico, Consulta Externa e Atendimento Permanente, reabilitação de parte da zona antiga da Clínica de Medicina Física e de Reabilitação e criação da 7.ª Capela do Senhor dos Passos.

Sendo impossível fazer referência a tudo quanto contém este Plano de Atividades, daremos conhecimento apenas daquilo que nos parece ser mais pertinente para o leitor desta Revista.

**A – Culto e Cultura**

Em 2020, o Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde (CIMMVC), além da exposição permanente, promoverá mais duas exposições com caráter temporário:

**1.ª Exposição – Fevereiro a Junho – "Os Beneméritos"** – *«Esta exposição consiste num tributo aos Beneméritos desta Santa Casa, privilegiando os que, ao longo dos séculos XX e XXI, das mais variadas formas, contribuíram para a sustentação e prossecução da ação social da Instituição, elevando-a ao estatuto que hoje detém de ser uma das maiores e mais dinâmicas misericórdias de Portugal. Pretende-se com esta exposição revelar a importância destas ações no desenvolvimento e concretização dos projetos sociais da Instituição»*;

**2.ª Exposição – Julho a Novembro – "Mar de Misericórdia"** - *«Exposição Alusiva à vida a bordo das embarcações e construção naval em Vila do Conde».*

**B – Serviços Sociais**

**1** - O Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha tem previsto para 2020 os seguintes planos de melhoria:

- Reestruturação da sala de AVD (Atividades da Vida Diária);

- Transformação do espaço do jardim interior (gaiola exterior),

- Criação de uma sala de Fisioterapia;

- Remodelação e adaptação dos equipamentos e mobiliário do Lar Residencial, face à crescente dependência dos utentes;

- Remodelação e adaptação dos WC – acessibilidades.

**2** - O Centro Social em Macieira prevê, para o ano 2020, o seguinte:

- Como já acima se faz referência, abrir uma nova sala de Creche, a fim de poder dar resposta ao grande número de

famílias que procuram os serviços deste equipamento;

- Na casa de banho de 1 ano serão feitas melhorias ao nível das infraestruturas com a abertura de uma janela e colocação de mais uma sanita;

- Criação de um "dormitório comum" para as crianças de Jardim de Infância;

- Estratégias para fortalecimento da qualidade de vida e bem-estar dos utentes – *«No próximo ano letivo, pretende-se realizar benchlearning com outras instituições portuguesas com serviços equiparados ao Centro e outros Serviços/Centros da Instituição, a fim de comparar práticas e/ou metodologias que conduzam à introdução de melhorias na organização dos serviços e, portanto, de um melhor desempenho. Esta partilha, comparação, reflexão e possível adoção contribuirá para o processo de melhoria contínua».*

**3** - Um dos grandes desafios da "Casa da Criança" para o ano letivo de 2020 é a solidificação do sistema de gestão de qualidade à luz do Referencial *Equass Assurance* 2018. *«Assim, a Casa da Criança pretende continuar a promover o desenvolvimento dos serviços prestados à comunidade, mantendo o compromisso com a qualidade e a melhoria contínua».*

Prevê este equipamento desenvolver o tema do Projeto Educativo através das seguintes Atividades:

- Visita ao Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia (CIMMVC);

- Visita à Exposição "Júlio e outros modernistas" no Centro de Memória de Vila do Conde;

- Visita à Exposição "Vila do Conde: Tempo e Território";

- Participação na Feira Grande de Janeiro;

- Colaboração na Exposição de colheres de pau elaboradas em contexto familiar;

- Comemoração do Dia de Vila do Conde – "Vamos desenhar a nossa cidade" com desenhos da cidade de Vila do Conde elaborados pelas crianças e visualização de um documentário;

- Comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios com a realização de uma visita à Nau Quinhentista;

- Comemoração do Dia Internacional dos Museus: vista ao Museu das Rendas de Bilros de Vila do Conde;

- Comemoração do Dia de S. João com a elaboração de trabalhos de expressão plástica alusivos a este tema e a vista às cascatas;

- Exposição "Tradições aos Retalhos" com a elaboração de trabalhos em contexto familiar.

**4** - Atividades a desenvolver durante o ano 2020 no Centro Rainha Dona Leonor:

- Sessões de relaxamento, com aplicação da técnica de relaxamento muscular progressivo de Jacobson emparelhado com slide de paz;

- Realização de sessões de Treino Cognitivo;

- Realização de estimulação cognitiva global;

- Realização de sessões de gerontomotricidade fina.

**5** - O Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge Azevedo Maia pretende concretizar o seguinte plano de melhoria em 2020:

- Aquisição de um veículo de 9 lugares;

- Colocar em funcionamento o espaço da lavandaria;

- Promover a alteração das condições do polidesportivo;

- Criação de um espaço verde exterior.

E levar a efeito os seguintes projetos de inovação:

- *Flyer*;

- Criação de área restrita para colaboradores;

- Ações de sensibilização para colaboradores.



**6** - Tendo terminado em 31 de agosto de 2019 o protocolo de colaboração no projeto "Rede Local de Intervenção Social" (RLIS), a SCMVC, consciente da necessidade e importância da proteção e apoio à população mais vulnerável do concelho de Vila do Conde, assinou um protocolo de cooperação com o Instituto de Segurança Social, *«assumindo a responsabilidade de desenvolver o "Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social" (SAAS) com início no dia 1 de setembro de 2019. Este serviço manterá a linha orientadora do projeto que o antecedeu (RLIS), contribuindo para a proteção dos indivíduos e/ou agregados familiares que se encontrem em condições de vida mais desfavoráveis...»*

**C – Outros serviços**

**1** - Transferência, durante o ano 2020, do fabrico de doçaria para o Edifício 3 com espaço mais amplo e devidamente equipado de acordo com as exigências atuais;

**2** - O projeto de arquitetura do Palácio Hotel já se encontra aprovado pela Câmara Municipal de Vila do Conde, aguardando-se a aprovação dos projetos de especialidades. Em face disto, prevê a Mesa Administrativa poder iniciar as obras no primeiro trimestre de 2020;

**3** - Prevê-se também o início das obras de remodelação e ampliação do edifício sito na rua da Igreja, na freguesia de Retorta, no princípio do ano 2020. Nele serão construídos 10 apartamentos tipo T1 e T2;

**4** - Para minorar a falta de habitação em Vila do Conde, decidiu a Mesa Administrativa da SCMVC construir habitações no terreno sito no lugar de Caseiros, rua Aparício Barros, encontrando-se já o projeto a ser elaborado. Logo que o projeto esteja aprovado, as obras de construção serão iniciadas;

**5** - Está prevista também a construção de uma unidade de Cuidados Continuados Integrados num terreno sito na rua Dario Valongueiro destinado a pessoas que necessitem de cuidados especiais na área da saúde mental;

**6** - *«Por ser necessário aumentar a capacidade de resposta da Lavandaria Central desta Santa Casa e para reforço das condições de segurança do seu funcionamento, prevê-se a construção de uma nova lavandaria e proceder-se à sua transferência para o Centro de Reabilitação em Touguinha».*

**António Amorim**

# Falecimentos

O que mantém em funcionamento a Misericórdia de Vila do Conde são os seus irmãos, benfeitores, amigos e colaboradores. Nos últimos quatro meses deste ano de 2019, perdeu a Instituição cinco dessas pessoas que, enquanto vivas, foram algum do sangue que a alimentou. Não pode a Revista "Santa Casa" deixar de expressar o seu pesar pelo seu falecimento e registar sucintamente os serviços por elas prestados à Instituição para que fique também como memória futura. Sem elas esta Misericórdia ficou mais pobre.

1 – A 19 de Setembro, faleceu o senhor José Serafim Neves Vieira, irmão e benemérito da SCMVC. Entre os serviços prestados a esta Instituição salientamos a organização dos Rally Paper que a Santa Casa promoveu com o objetivo de angariação de fundos com vista à sustentabilidade financeira da Instituição.

2 – A 6 de Outubro, faleceu o senhor Prof. Doutor Edmundo Caldas Vilar. Deu aulas na Faculdade de Farmácia do Porto, reformando-se como assessor principal da mesma faculdade. Viveu os últimos anos da sua vida no Centro Rainha Dona Leonor, lar residencial da SCMVC. Era irmão da Instituição e seu grande benemérito e dele saíram ideias e ações que muito contribuíram para o lançamento de serviços de assistência a pessoas pobres que nem alojamento tinham.

3 – A 20 de outubro, faleceu o Dr. Firmino Abel da Silva Couto, irmão e colaborador voluntário desta Santa Casa. Vários e prestimosos foram os serviços prestados por ele à Instituição, dos quais salientamos:

- A organização do Arquivo documental que exigiu muito trabalho e saber;

- A coautoria do livro "A Santa Casa – Um Legado 1510 - 1975" que conta a história da Instituição no período indicado;

- E uma colaboração em quase todos os números da Revista "Santa Casa" desde o n.º 1 em 1994, até ao n.º 40. Só não colaborou no n.º 3. Colaborou ainda nos n.ºs 42 e 44 em 2016 e 2017.

4 – A 23 de Outubro, faleceu D. Laura Ramos Carvalho, viúva do senhor José de Oliveira Gomes que foi irmão, e mesário desta Santa Casa de 1984 até 1995. Era também irmã da Instituição e colaborou como voluntária no Lar de Idosos, desenvolvendo um trabalho altamente exemplar.

5 – A 2 de Dezembro, faleceu o médico, residente nesta cidade e natural de S. João da Pesqueira, Dr. Teófilo Júlio Montenegro Pizarro Ornelas Felgueiras Bernardes. Irmão da SCMVC, sempre colaborou com a Instituição, quer antes quer depois da passagem da gestão administrativa do Hospital, propriedade da Misericórdia, para o Estado.

Às famílias de todos estes irmãos, amigos e benfeitores a Revista "Santa Casa" apresenta os seus mais sentidos pêsames.

**António Amorim**

**Sr. José Vieira, Prof. Dr. Edmundo Vilar, Dr. Firmino Couto, D.ª Laura Carvalho, Dr. Teófilo Bernardes**

# Secretariado Regional do Porto em visita à SCMVC

No passado dia 19 de setembro de 2019, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde acolheu a visita dos membros do Secretariado Regional do Porto da União das Misericórdias Portuguesas, que visou analisar e discutir temas relevantes das Misericórdias.

A visita envolveu fazer um balanço e avaliação do trabalho executado por esse secretariado nos últimos anos assim como apresentação da sua recandidatura. Para este efeito, foi através do diálogo com recolha de diversas sugestões e opiniões que se auscultaram as necessidades e dificuldades presentes e futuras que incidem sobre as Santas Casas, tanto na área social como da saúde. Procurou-se colaborar na definição da estratégia de atuação para um novo mandato e como o Secretariado poderá ser uma mais-valia nas diversas áreas de intervenção.

O caminho percorrido até então foi de constante esforço para a melhoria da qualidade de vida das comunidades que as Misericórdias servem. Este Secretariado Regional traça agora um rumo que, ao mesmo tempo que continua o trabalho já desenvolvido, procura novos desafios e problemáticas para investir a energia destas instituições e procurar um futuro ainda melhor.

**Provedor Eng. Arlindo Maia com membros do Secretariado Regional do Porto da UMP**

**Miguel Amorim**



Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde

realiza parceria com

Vila do Conde Kayak Clube

Obrigada parceiros por
apoiarem a nossa Causa!

www.cavc.pt

**Cooperativa Agrícola de Vila do Conde, CRL >**
Rua da lapa, 293 | 4480-757 Vila do Conde | Portugal
Tlf. +351 252 240 400 | Fax +351 252 240 414

Subsecção Nutrição Animal

agrivil

AGRIVIL
SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

# I Evento Incorpora Portugal

**Foto do grupo que atendeu ao I Evento Incorpora Portugal**



O Incorpora foi iniciado em 2018, com uma rede de 33 entidades sociais, num trabalho de proximidade com grupos vulneráveis da nossa sociedade. Em agosto de 2019 esta rede foi ampliada para um total de 46 entidades que colaboram diária e simultaneamente com os beneficiários, o tecido empresarial e todos os agentes sociais. Atualmente, o Incorpora encontra-se espalhado pelas zonas do Porto, Lisboa, Coimbra, Setúbal, Faro, Beja, Viseu e Évora.

O I Encontro Nacional do Incorpora Portugal realizou-se no Centro Cultural de Belém, no dia 27 de novembro de 2019, com a presença dos responsáveis da Fundação "*la Caixa*", o Presidente do IEFP, Coordenadores, Técnicos de Acompanhamento e Prospetores de todas as entidades.

No Encontro Nacional em Lisboa foram retratados exemplos de um trabalho em rede entre as entidades envolvidas na integração do público Incorpora no mercado laboral. Houve espaço ainda para uma mesa redonda, onde beneficiários, empresas e técnicos puderam partilhar experiências e resultados.

No final do encontro, a Técnica de Prospeção da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde subiu ao palco acompanhada de um outro Técnico do Núcleo de Lisboa, ficando responsáveis por "dar voz" a todos os profissionais do Incorpora Portugal, espelhando assim, em palavras emotivas, através de um breve diálogo, tudo o que deram, receberam e esperam deste Projeto Social.

Na verdade, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde trabalha diariamente para fomentar o espírito de entreajuda e camaradagem que reina entre todos os agentes sociais que colaboram e

cooperam com o projeto, adotando atitudes de humildade, partilha de conhecimentos, experiências e aprendizagens. O nosso desejo é continuar a aceitar os desafios diários que cada pessoa, na sua individualidade, nos partilha através das suas fragilidades, alegrias, sonhos e objetivos de vida. Com paciência, perseverança, entrega e competência, acreditamos fazer a diferença na vida das pessoas mais fragilizadas socialmente.

Na prosperidade almejamos a continuidade, o sucesso, a realização, a transformação e a inovação do Incorpora. Com 193 beneficiários inscritos, 276 acompanhamentos e 51 integrações no mercado de trabalho no ano 2019, os resultados alcançados pela Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde superaram as metas delineadas pela Fundação "*la Caixa*". Continuaremos a trabalhar em parceria, a empoderar as pessoas e a transformar a nossa sociedade, numa sociedade mais aberta à diversidade.

**Marina Leonor Pinheiro**

**Cristiana Maria Figueiras**

# Visita a Bragança

**Grupo à entrada do Castelo de Bragança**

Focados numa filosofia de crescimento pessoal e profissional, mas assente numa missão de um cuidado humanizado, o Centro de Reabilitação Prof. Dr. Jorge Azevedo Maia proporcionou aos nossos utentes, no dia 05 e 06 de julho de 2019, um roteiro à Cidade de Bragança, com direito a visita aos museus, monumentos e outros espaços de referência da cidade.

Tratando-se de uma iniciativa com caráter inovador, os nossos utentes ficaram manifestamente em êxtase quando lhes foi comunicada a visita, com direito a pernoita. Sendo impossível levar todos os utentes enquadrados no nosso Centro, optámos por aqueles cuja capacidade cognitiva e motora, concomitantemente com o fator de bom comportamento, usufruiriam do plano pré-estabelecido para a visita.

O presente passeio ficou marcado por diversas experiências enriquecedoras, mas deve ser realçado da absorção do conhecimento subjacente à história da cidade, mas particularmente de cada um(a), mediante o seu prisma, ter tirado enorme prazer no que estava a experienciar a cada momento dos referidos dias.

De modo mais preciso, os utentes e os colaboradores que os acompanharam, mais precisamente a Diretora Técnica Alice Campinho, o Monitor Bento Campos, o Ajudante de Lar Nuno Oliveira, sem esquecer a Ajudante de Lar Imperatriz Rodrigues, sendo esta fundamental no dinamizar das atividades realizadas, tiveram oportunidade de visitar os principais ex-libris da cidade de Bragança, nomeadamente: Castelo de Bragança, com direito a visita ao Museu Militar, a visita ao Museu da Máscara, da Arte Contemporânea – Graça Morais, ao Clube Desportivo de Bragança, ao Aeródromo de Bragança, à Praia do Azibo e, por último,

mas não menos importante, à Camara Municipal de Bragança. Neste espaço, fomos recebidos simpaticamente pelo próprio Presidente, tendo-nos presenteado com algumas lembranças da cidade. Como é apanágio da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, não poderíamos ficar indiferentes ao referido gesto e, como tal, entregámos uma significativa lembrança como agradecimento da nossa visita.

Situando-se numa zona onde a gastronomia nos deixa sempre com "apetite aguçado", os elementos que realizaram a visita foram agraciados com duas refeições em restaurantes típicos da região, mais precisamente no Restaurante Serra Nogueira e na Junta de Freguesia da Nogueira. Exclamaram os nossos utentes "que delícia!" (sic).

Em suma e de modo muito simples, a visita a Bragança marcou o ano de 2019 dos utentes e dos colaboradores que os acompanharam. Mais do que qualquer bem material, estes são marcados no seu percurso desenvolvimental e de reabilitação pelas experiências que vão tendo ao longo do tempo. Sem dúvida, a visita a Bragança foi um desses momentos. Estes regressaram plenos de uma alegria extrema e de um sentimento de mais-valia pessoal e, em última análise, por um aumento do seu bem-estar e consequentemente da sua qualidade de vida. Paralelamente, os utentes evidenciaram uma enorme gratidão por aquilo que lhes foi proporcionado, tendo dito em uníssono um sentido "obrigado" ao Centro de Macieira, à Casa da Criança e ao Sr. Jorge (motorista da SCMVC), pois estes foram cruciais para a realização da referida atividade.

Por tudo o que foi referido anteriormente, ficou uma enorme vontade de regressar. Mas para isso, é importante reforçar continuamente aos nossos utentes que, como em qualquer aspeto da vida quotidiana, se semearmos qualitativamente, o futuro só trará fecundos resultados. Esse caminho, que já percorremos, mas que necessita de trabalho contínuo, continuará certamente a levar a um posicionamento de perspetiva de melhoria idiossincrática e claro, ao assegurar da nossa missão.

**Miguel Santos**
**(Psicólogo - Cédula n.º: 12704)**



# Casa da Criança vencedora na 4ª edição do concurso Prémio António Sommer Champalimaud

A Fundação Batalha de Aljubarrota (FBA), em parceria com o Exército Português, efetuou um convite às instituições de solidariedade social do Continente Português que apoiam crianças e jovens em situação de perigo (Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude) para a comemoração do 634º aniversário da Batalha de Aljubarrota através da participação na 4ª edição do concurso Prémio António Sommer Champalimaud.

Este concurso pretende dar a conhecer a vida inspiradora de Nuno Álvares Pereira, o Centro de Interpretação Batalha de Aljubarrota e a possibilidade de ganhar um valor monetário correspondente aos três primeiros classificados. Este ano o tema proposto foi "A religiosidade de Nuno Álvares Pereira", presente em todas as fases da sua vida.

Os trabalhos foram avaliados mediante a adequação ao tema, paralelismo com a História de Portugal, cumprimento dos requisitos, relevância, originalidade, criatividade do conteúdo, materiais utilizados e empenho do grupo.

Os jovens da Casa da Criança da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos participaram e conquistaram o 1º lugar, que tinha como prémio o valor monetário de 1000 euros.

**O trabalho realizado pela Casa da Criança...**

**...que mereceu o 1º Prémio!**

O nome atribuído à obra foi: O Carmelita. A justificação do mesmo deve-se ao facto de ter sido Nuno Álvares Pereira que fundou o Convento do Carmo. O famoso Santo Condestável – Militar, senhor Feudal e Santo teve um grande impacto na História de Portugal. Como militar foi ele que ensaiou a técnica do quadrado na Batalha de Aljubarrota, em agosto de 1385, dando vitória às tropas de D. João, Mestre de Avis. No entanto, apesar da vida militar, Nuno Álvares Pereira sempre esteve ligado à vida religiosa, invocando a presença de Deus, Virgem Maria e os Santos em todos os combates.

Visto que o Condestável fez muitos sacrifícios, o Rei D. João I de Portugal, premiou-o com algumas terras e rendas, tornando-se num rico senhor feudal. No entanto, e visto que a vida religiosa era muito importante para Nuno Alvares Pereira, ele entregou-se à mesma, oferecendo os seus bens aos herdeiros e também aos frades carmelitas.

Por todos estes factos históricos, e para nos centrarmos no tema do concurso "A religiosidade de Nuno Álvares Pereira", o nosso trabalho teve como base o Convento do Carmo, visto ter sido um monumento fundado pelo mesmo e onde esteve sepultado. A espada com o terço justifica-se pela sua ligação a Deus e à Virgem Maria nos combates e a sua sepultura simboliza a morte de um Santo que tanto significou para Portugal.

No passado dia 14 de agosto, os jovens do lar de Infância e Juventude da Casa da Criança, estiveram presentes nas Cerimónias Oficiais dos 634 anos da Batalha de Aljubarrota e receberam o 1º Prémio desta edição.

Neste dia, além de receberem o tão prestigiado prémio no valor de 1000 euros, visitaram o CIBA (Centro Interpretativo da batalha de Aljubarrota) onde ficaram a conhecer mais sobre a Batalha de Aljubarrota, experimentaram o circuito de arborismo temático inaugurado recentemente e disfrutaram de um delicioso almoço na presença de todos os premiados e respetiva organização.

**Nuno Carvalho**

**Visita ao Centro Interpretativo da Batalha de Aljubarrota**

# Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência lança "Agendar Vida"

**Painel da tertúlia onde todos partilharam experiências relacionadas à temática da deficiência**



O Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência (CARPD), em Touguinha, equipamento social da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, iniciou as comemorações do seu 25º aniversário no passado dia 14 de novembro de 2019, data que coincidiu com os 25 anos da entrada dos primeiros 3 utentes neste Centro.

Marco importante deste dia foi o lançamento da agenda solidária "Agendar Vida", cujas receitas serão revertidas integralmente para proporcionar duas atividades dignas da vida dos utentes e da história dos 25 anos deste Centro, a saber: um dia de multiatividades sensoriais em SPA e viagem de três dias a Roma e Vaticano.

A presença de inúmeras autoridades, familiares, colaboradores e amigos deram um brilho especial a este evento e puderam testemunhar na primeira pessoa a felicidade dos utentes deste Centro, assim como a arte que exibiram em palco com duas danças emotivas. A tertúlia foi oportunidade para partilhar experiências de pessoas de diversos contextos relacionados com a deficiência, e dar relevo à importância de haver respostas sociais adequadas nesta área.

**Sérgio Pinto**

**Utentes do CARPD interpretaram duas emotivas danças**

**A agenda solidária "Agendar Vida"**

## QUALIDADE, AMBIENTE E SEGURANÇA

# "O Futuro do Trabalho": V Fórum de Segurança da SCMVC

Realizou-se a 19 de setembro de 2019 na Quinta Galante em Touguinhó, o V Fórum de Segurança, com o tema "O Futuro do Trabalho" que contou com a participação de cerca de 300 colaboradores e 50 profissionais que ajudaram na coordenação das atividades.

Foi um dia repleto de diversão, com muitos *insight's* para a promoção de um dia a dia seguro e saudável. Os participantes foram desafiados a preencher uma carta de prova com o lema "SUPERA-TE".

Foram utilizados dois dos catorze hectares da Quinta Galante para atingir este objetivo, através de atividades como slide, escalada, *rapel*, *bungee earth*, passeios a cavalo, extinção de fogos, prática de tiro ao alvo, relaxamento com yoga e mantras e reflexologia. Houve tempo para enfrentar o "touro" e para simular um desencarceramento real. Foram ainda programados ao pormenor 4 jogos de caça ao futuro, promovidos pelos professores de educação física entre muitas outras dinâmicas promovidas pelos departamentos de nutrição e recursos humanos cujo foco foi sempre o mesmo "descobre os teus *Killers* e supera-te!" "Decide tu quem queres ser e em que fase da vida pretendes estar!"

Nestas atividades contámos com a ilustre e ativa presença da Escola de Serviços da Póvoa de Varzim, Bombeiros Voluntários de Vila do Conde, as Empresas Azurara Parque, MTK, assim como pessoas em nome individual e colaboradores da Santa Casa que contribuíram das mais variadas formas para tornar este evento possível.

Foi um dia repleto de aventura, conhecimento e emoções, que terminou com uma explosão colorida.

**Odete Cunha**

**Sessão de encerramento "Color Your Future" foi uma animada explosão de cores**

**Passeios a cavalo e touro mecânico estiveram entre as várias atividades do Espaço Terra**

**Espaço Água contou com atividades dos Departamentos de Nutrição assim como Recursos Humanos e Formação**

**Simulação de desencarceramento e extinção de fogos foram parte do Espaço Fogo**

**Slide, Escalada e Rapel foram alguns dos pontos altos do Espaço Ar**

# "A Terra Treme" – Sensibilização para o risco sísmico

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, no passado dia 15 de novembro, aderiu ao exercício público de âmbito nacional de sensibilização para o risco sísmico "A TERRA TREME", promovido anualmente pela Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

A iniciativa foi abrangente a profissionais e utentes, tendo mobilizado mais de 500 pessoas que durante um minuto tiveram oportunidade de testar os "3 gestos que salvam" – BAIXAR, PROTEGER e AGUARDAR.

Considera-se assim cumprido o dever e Missão de Cidadania, colaborando para o incremento do grau de prontidão e reação a sismos.

**Odete Cunha**

**O simulacro foi executado em vários serviços da SCMVC**

# Partilha de aprendizagens no *1st Quality Learning*

**Aspeto dos dois grupos**



Decorreu, no dia 17 de outubro, na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, o *1st Quality Learning*, tendo contado com a presença de várias Organizações certificadas a nível nacional. O Departamento da Qualidade (QAS+) da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde operacionalizou a Organização do evento, tendo contado com o apoio da Associação Portuguesa para a Qualidade, representada pelo Dr. Domingos Rosa e a Sinase - Empresa de Consultoria, representada pelo Dr. Márcio Rodrigues.

Foram partilhadas aprendizagens, assim como metodologias nos temas: Plano Individual de Intervenção; Consciencialização das Partes Interessadas, Gestão da Inovação e Qualidade de Vida, tendo havido ainda espaço para ações de *brainstorming* sobre cada um dos temas.

Também neste dia foi apresentada a metodologia *5 B's*, inovadora e desenvolvida pelo QAS+, sendo esta a metodologia operacionalizada durante todo o evento.

No encerramento deste evento, ficou o compromisso de dar continuidade a novos encontros, tendo por base a metodologia *5 B's*. Objetiva-se assim, no futuro alcançar o 5.º B, *Bias Clustering*, permitindo à Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde posicionar-se no seu *cluster*, beneficiando assim com ações de *benchmarking* mais eficientes.

**Odete Cunha**

**Placar representativo do conceito *5 B's*, elaborado pelo Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge Azevedo Maia**

## DESPORTO

# SCMVC representada na Gala do Desporto 2019

No dia 21 de novembro de 2019 realizou-se pelas 21:30 a "Gala do Desporto de 2019", que decorreu no Teatro Municipal de Vila do Conde. A cerimónia teve como apresentadores duas das principais figuras da RTP1: Jorge Gabriel e Inês Gonçalves.

Nesta gala foi utilizado o mesmo formato em relação àquele que foi implementado na edição anterior, tendo sido atribuídos prémios à "Distinção do Ano" da época desportiva 2018/2019, com uma distinção nas seguintes categorias: Atleta Feminino do Ano; Atleta Masculino do Ano; Atleta do Ano do Interfreguesias; Atleta do Ano do Desporto Amador; Atleta do Ano de Desporto Adaptado Masculino; Atleta do Ano de Desporto Adaptado Feminino; Equipa do Ano; Associação Desportiva/Clube do Ano; Dirigente do Ano; Treinador do Ano; Atleta Revelação do Ano Feminino; Atleta Revelação do Ano Masculino; e Prémio Carreira.

Dois atletas da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC) foram nomeados para a categoria de "Atleta do Ano de Desporto Adaptado Masculino", sendo eles: o Joaquim Pereira e o Sérgio Areias (convocados para representarem a seleção nacional portuguesa de Parahóquei na Bélgica (Antuérpia) em 2019 – 2º lugar).

O vencedor na categoria de "Atleta do Ano de Desporto Adaptado Masculino" foi o atleta e capitão de equipa da SCMVC, Joaquim Pereira. A sua nomeação e eleição como atleta do ano do desporto adaptado masculino é dignificante sendo, sem dúvida, motivo de um grande orgulho para Vila do Conde e a SCMVC que tão bem representa "dentro de portas" e "além-fronteiras".

O atleta Sérgio Areias e o Professor Pedro Silva (selecionador nacional da equipa de Futsal para pessoas com Síndrome de Down, "campeão da Europa" em 2018 em Itália (Terni) e 5º lugar no campeonato do mundo em 2019 em São Paulo (Ribeirão Preto)) foram também homenageados com um reconhecimento de "mérito desportivo".

**Joaquim Pereira e Sérgio Areias, atletas da SCMVC**

A SCMVC, através do seu técnico e atletas, alcançou feitos de grande dimensão desportiva; contudo, é objetivo de todos alargar e aumentar o número de representantes na próxima "Gala do Desporto de 2020". A dedicação e entusiasmo de todos os atletas da Instituição estão por detrás do seu mérito desportivo, e a realização desta Gala de Desporto em que os seus esforços são reconhecidos renova essa mesma motivação.

O Sr. Provedor, Eng. Arlindo Maia, também marcou presença na cerimónia, demonstrando que o fomento e promoção do Desporto em geral e o Desporto adaptado em particular, são propósitos da Instituição.

**Pedro Silva**

# XIV MILHA DA MISERICÓRDIA UNE INSTITUIÇÕES ATRAVÉS DO ATLETISMO

**Esta Milha contou com mais de 150 participantes**



No passado dia 1 de outubro de 2019 realizou-se a "XIV Milha Integrada do Norte\ Milha da Misericórdia" em Vila do Conde, organizada pelo Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha, equipamento social da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC).

De referir, que as várias provas de atletismo decorreram em algumas das ruas do centro de Vila do Conde, nomeadamente Rua Rainha Dona Leonor, Travessa da Rua Doutor António José Sousa Pereira, Rua das Traseiras da Biblioteca Municipal, Avenida Abade Sousa Maia, Rua Dr. Albino Aroso, Rua Santa Catarina e Rua Padre José Praça. A concentração para as provas, o local de partida e a respetiva meta ocorreram na parte sul da Rua Rainha Dona Leonor.

Esta edição da Milha teve um traçado "novo", tendo os participantes experienciado três pisos diferentes: alcatrão, calçada portuguesa e terreno de terra batida (corta-mato). A SCMVC contou com o apoio da Associação Nacional de Desporto para Desenvolvimento Intelectual (ANDDI – Portugal) para colocar em prática a realização desta iniciativa.

Inicialmente, realizou-se uma caminhada pedestre aberta a todos os participantes (atletas e técnicos), servindo esta como forma de reconhecimento do percurso. Posteriormente, realizou-se a "meia-milha" (aprox. 800 metros). Tratou-se duma prova que é designada como sendo a "atividade adaptada", em que são constituídas equipas de 3 atletas + 1 funcionário; esta competição é destinada a atletas com níveis de deficiência mais severos e\ou com problemas motores associados, sem distinção de idades e\ ou sexo. Por fim, realizou-se a competição adaptada por escalões (aprox. 1600 metros), sendo eles: Juniores, Seniores e Masters.

As instituições/clubes participantes foram: SCMVC, APPACDM – V. N. de Gaia, AICIA – Arouca, CAID – St.ª Tirso, Clube de Gaia, Fundação AJ Gomes Cunha, MAPADI – Póvoa de Varzim, MADI – Vila do Conde, ALADI – Lavra, e ANDDI – Portugal.

Os atletas que representaram a SCMVC foram: Nuno Amorim, Albertino Novo, José Manuel, Salete Oliveira, Cândida Silva, Francisco Cerqueira, Bina, Miguel Araújo, Bruno Magalhães, Francisco José, Duarte Pereira, José Maria Rigor, Rui Costa, Ilidia Araújo, Trajano, Solange Ferreira, Francisco Leal, António Carvalho, Vera Silva, Alexandra Oliveira, Orlanda Lírio, Rúben Moreira, André Oliveira, Sérgio Areias, Joaquim Pereira, Rui Sousa, Jorge Pereira, Pedro Magalhães, Jorge Ferreira e Manuel Carvalho.

Os resultados obtidos pela SCMVC foram satisfatórios: 1º lugar na competição adaptada no escalão júnior masculino (1600 metros) – atleta Rúben Moreira; 2º lugar na atividade adaptada meia-milha – 800 metros Equipas 3 + 1 – atletas Nuno Amorim, Albertino Novo e José Manuel, com o apoio do funcionário João Laranjo; 2º/3º lugares na competição adaptada no escalão sénior masculino (1600 metros) – atletas André Oliveira e Sérgio Areias; 3º lugar na competição adaptada no escalão master masculino (1600 metros) – atleta Pedro Magalhães.

Esta Milha foi um verdadeiro sucesso a todos os níveis, sobretudo a nível organizativo, mas também no número de atletas participantes que atingiu um novo recorde histórico, com mais de uma centena e meia de atletas envolvidos nas diversas provas.

De salientar que todos os atletas receberam medalha de participação e doces conventuais confecionados na SCMVC. A PSP e Polícia Municipal desempenharam, mais uma vez, um papel preponderante e decisivo no bom desenrolar das provas, tendo todos os envolvidos subido ao pódio, porque são e foram um dos principais "obreiros" na organização deste evento desportivo.

**Pedro Silva**

# DO ARQUIVO

## Capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira - II Parte

André Afonso Folgueira, casado com Mécia Folgueira de Valadares, foi cavaleiro fidalgo da Casa d'El Rei, um importante mercador e homem da governação vila-condense, bem como Irmão desta Santa Casa da Misericórdia. Instituíram, por testamento dela feito em 14 de Julho de 1576, uma Capela[1] à qual vincularam diversas propriedades fundiárias. Parte dessas propriedades foi entregue a Gaspar Folgueira pelos irmãos, como forma de garantirem o seu sustento pois, como era frade professo na Ordem de S. Francisco, não podia herdar bens de raiz. Esses bens passariam, à sua morte, para sua irmã Beatriz da Encarnação, freira no mosteiro de S. Bento de Viana da Foz do Lima (Viana do Castelo), como administradora da Capela de seus pais. Por seu falecimento, reverteria todo o rendimento para Isabel de Jesus, neta dos instituidores, também freira no mesmo mosteiro. Quando ambas falecessem, a administração e rendimento da Capela transitaria para a Misericórdia de Vila do Conde, conforme vontade expressa no testamento de Mécia Folgueira, com indicação de aplicarem o seu rendimento no curativo dos pobres do Hospital.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde tomou posse da administração da Capela apenas após o falecimento de Gaspar Folgueira, Beatriz da Encarnação e Isabel Folgueira, mais concretamente, em 19 de setembro de 1640. Na altura da transição da administração da Capela das freiras do Convento de S. Bento de Viana para a Misericórdia de Vila do Conde, algumas das escrituras das propriedades que estavam anexas à Capela não foram entregues pelas ditas freiras, dificultando a tomada de posse das mesmas. As freiras alegavam que, tanto o Casal de Sendim como o Casal dos Corujos lhes pertenciam e, como tal, nada tinham a entregar à Misericórdia de Vila do Conde.

A contenda só se resolveu em finais de 1645, quando ambas as partes entraram em acordo e ficaram com um casal para cada uma. O mosteiro de S. Bento de Viana ficou com o Casal dos Corujos, que André Afonso Folgueira tinha comprado a Gonçalo Álvares, ferreiro, bem como com a Bouça de Nabais. A Misericórdia ficou com o Casal de Sendim, do qual se pagava a renda anual de 28 medidas de pão meado e uma galinha. Ambas as partes foram obrigadas a pagar, em partes iguais, as custas de todo o processo.

Para melhor conhecimento da administração da Capela instituída por André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira de Valadares, segue-se a descrição das várias propriedades a ela vinculadas, sitas nas freguesias de Viatodos e Minhotães, termo da cidade de Barcelos.

A primeira propriedade aqui descrita é o Casal[2] de Sendim, adquirido pelos instituidores em 19 de Fevereiro de 1560, sito no lugar de Sendim, freguesia de S. João de Vila Boa, termo da cidade de Barcelos, a Gonçalo Martins, por alcunha o borralho, e sua esposa, Beatriz Gonçalves, ambos

[1] Parte da herança que o testador destinou à satisfação dos encargos de sua alma, como a celebração de missas, esmolas e outros actos de caridade, piedade ou devoção.

[2] Unidade constituída por casa de habitação com dependências adequadas à exploração rural e por terrenos de área suficiente para a manutenção de uma família.

lavradores e moradores no referido lugar, pela quantia de 16 mil réis. Na escritura de compra deste Casal está a seguinte descrição das suas propriedades:

*"...lhe venderam a metade do moynho que esta hasyma das corayas na freguesia de arcusello com sua aagua e ametade do cortelho que com ha dita ametade do dito moynho tem e asy lhe vendiam mais ho seu campo dagra dos moynhos que esta na freguesia de sam Joam de villa boa que levara de semeadura seis alqueires de semteo e parte do levante com ha camguosta e do poente com campo de domingos diz que he da igreja e do abrigo com ho lameiro todo foro yzemto dizimo ha deos por preço e comtia de dezasseis mil rs desta moeda coremte de seis seitis ho real hos quais dezasseis mil rs ho dito comprador logo o deu e paguou pramte mim tam e tas por tostões de prata e por catorze moedas de ouro de mil rs cada huma que fizeram ha soma dos ditos dezasseis mil rs..."*[3].

A estas propriedades juntou-se-lhes a Bouça do Romão, adquirida por André Afonso Folgueira por escritura de venda com data de 29 de dezembro de 1565, registada nas notas do Tabelião Álvaro Gonçalves, morador em Barcelos.

A tomada de posse do casal foi dada no dia seguinte à escritura, em 20 de fevereiro de 1560. Gonçalo Martins e Beatriz Gonçalves, vendedores, ficaram como caseiros destas propriedades, pagando a renda anual de 28 alqueires de pão meado e uma galinha.

Em 28 de Setembro de 1617, a freira Beatriz da Encarnação, como administradora da Capela, fez prazo de vidas destas propriedades a Gonçalo Dias e Maria Álvares, nas notas do Tabelião Pedro de Paredes, de Viana da Foz do Lima. Estabeleceram o pagamento de uma renda anual de 30 medidas de pão, sendo 14 de centeio e 16 de milho, meia canada de manteiga e uma galinha.

Em 1641, a Misericórdia de Vila do Conde entrou com um processo judicial contra o caseiro Gonçalo Dias, no qual alegava que este não tinha pago as rendas referentes aos anos de 1639, 1640 e 1641, importando o total de 84 medidas de pão e 3 galinhas. Em 9 de Fevereiro de 1642, aproveitando que Gonçalo Dias se encontrava em Vila do Conde e fora do termo de Barcelos, de onde era natural e residente, foi mandado prender até acertar as contas que tinha pendentes com a Misericórdia de Vila do Conde. Feito inquérito a Gonçalo Dias, respondeu que tinha pago a renda às freiras do convento de S. Bento de Viana, como aliás sempre tinha feito e que, depois do falecimento de Beatriz da Encarnação, tinha pago dois anos de renda à Misericórdia e que só estaria a dever um ano. Perante tais alegações, o Juiz mandou que pagasse apenas um ano e que depositasse a renda respeitante ao ano de 1641. Condenou-o também a pagar as custas de todo o processo.

Desta forma, Gonçalo Dias constituiu-se caseiro da Misericórdia de Vila do Conde, pagou a renda do ano de 1640 e, para pagamento da renda correspondente ao ano de 1641, deixou uma taça de prata que foi avaliada por Bastião Ribeiro, ourives, no valor de cinco mil e oitocentos réis. Domingos Álvares, sapateiro e morador nesta vila, ficou como depositário da referida taça.

Gonçalo Dias tinha todo o mês de abril para liquidar a dívida e desempenhar a taça de prata. Como não deu notícias, a taça acabou por ser arrematada em hasta pública em junho de 1642, sendo arrematada

[3] Todas as transcrições estão em *Itálico* e em conformidade com as normas de transcrição paleográfica, logo, o mais fiel possível ao original.

pelo vigário da vila, o padre Miguel de Pontes.

Apesar de todos estes contratempos, Gonçalo Dias e sua esposa Maria Álvares, ficaram como caseiros das propriedades durante muitos anos, como primeira e segunda vidas do prazo.

A terceira vida deste prazo coube a Maria Dias, filha dos anteriores caseiros, casada com Domingos António. Este casal teve duas filhas e fizeram com que ambas retirassem rendimento das propriedades do prazo. Uma das filhas, casada com Manuel Gonçalves, tinha usufruto de metade das propriedades e pagava, em iguais partes com Maria Dias, a pensão anual de 30 alqueires de pão meado, uma galinha e meia canada de manteiga. Para garantir o sustento da outra filha, cujo nome era Isabel Dias, Maria Dias abdicou do direito que tinha como terceira vida do prazo em favor dela. Assim, em 9 de junho de 1699, a Misericórdia de Vila do Conde fez prazo de vida sobre as propriedades acima referidas a Isabel Dias, solteira, com acrescentamento à pensão antiga de meia rasa de pão meado.



Isabel Dias casou com João Francisco em 1708, pois em 1709 é já o nome dele que surge na liquidação da renda. Este casal continuou a pagar apenas metade da renda do prazo, sendo a outra metade assegurada pelo seu cunhado Manuel Gonçalves. Em 1713, a parte da pensão paga por Manuel Gonçalves passou a ser feita por sua filha Luísa Antónia. No Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1723, há informação de se ter feito novo prazo de vidas em 1754, contudo, informa também que tal documento não existe no cartório desta Santa Casa da Misericórdia.

Pelo Livro das Pensões e Caseiros de 1754, verifica-se que o nome de João Francisco, marido de Isabel Dias, foi substituído por Manuel Pereira, segunda vida do prazo feito a sua mãe, Isabel Dias. A terceira vida do prazo ficou para a esposa de Manuel Pereira, que passou depois as propriedades para João Francisco da Igreja. Nessa época, era consorte do prazo José Francisco Dias.

Sucedeu-lhes Manuel Joaquim Alves que, por sua vez, transmitiu as propriedades a sua filha Rosária Alves, casada com Joaquim José Ferreira, a quem a Misericórdia de Vila do Conde fez renovação de prazo de vidas em 8 de abril de 1858.

Em 12 de Junho de 1879, estando na posse das propriedades do prazo, João Joaquim Alves Ferreira, filho de Rosária Alves e seu marido, vendeu parte delas a Manuel Luís de Miranda, pela quantia de um conto e sessenta mil réis. O comprador apresentou à consideração da Mesa Administrativa desta Santa Casa um pedido de consentimento e reconhecimento do referido contrato de compra e venda, comprometendo-se também a pagar o respetivo laudémio sobre a propriedade. O consentimento não foi imediato, tendo a Misericórdia argumentado que a compra deveria ser da totalidade das propriedades, para que o prazo não se dividisse. Perante tal posição, Manuel Luís de Miranda declarou que tal não era possível pois, há mais de dez anos, o Campo da Agra dos Moinhos, referente ao item n.º 2 do prazo, tinha sido vendido a João da Silva Pousa. Esta situação parece não ter chegado em tempo útil ao conhecimento da Misericórdia, como senhoria das propriedades, a quem deveria ter sido apresentado pedido de consentimento da venda.

No Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1843, apresenta-se a notícia de que o foro sobre este prazo foi remido por arrematação na cidade de Braga, em 25 de agosto de 1884, eliminando o vínculo que tinha com a Misericórdia de Vila do Conde desde o falecimento de Beatriz da Encarnação, filha dos instituidores da Capela, André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira de Valadares.

Contudo, a história desta Capela

não fica por aqui, importa relatar o percurso de mais duas das propriedades que a compunham: umas bouças que estavam na freguesia de Minhotães.

Não existe no maço de documentos desta Capela, nem no restante espólio documental do Arquivo Histórico desta Santa Casa, escritura de aquisição destas bouças, ou prazo de vidas anterior a 1721. Sendo assim, foi desse prazo que se retirou a seguinte informação:

*"... huma leira de mato, chamada da chamusca de baixo e por outro nome da vinha velha, que tem de comprido de norte a sul cento e vinte e seis varas, partindo pello poente com terra de mato que pessue Domingas Martins veuva de Domingos Martins da torre, e pello norte tem de largo vinte varas entestando em terra que pessue Antonia Martins veuva de Joam gonçalves e pello nascente em outro comprimento tem cento e vinte e cinco varas partindo pello vallo com terra que pessue a dita Antonia martins e pello sul tem de largo vinte e sete varas entestando em terra de matto, que pessue Antonio martins do Souto; levara de semeadura coatro alqueires de senteyo."*

*"Tem huã leira de mato chamada da chamusca velha digo da velha, e por outro nome a bouça do souto, que tem de comprido de norte a sul cento e outenta e huã varas, partindo pello poente com terra de mato que pessue Antonia martins veuva de Joam gonçalves, e pello norte tem de largo quarenta varas entestando em terra que pessue Bras de Araujo e Pedro de Araujo do Souto e de Outeiro, e pello nascente em outro comprimento tem cento e outenta e quatro varas, partindo com terra de mato que pessue a dita Antonia martins, e pello sul tem de largo vinte e seis varas entestando em terra que pessuem os herdeiros que ficarão de Antonio martins do Souto. Levará de semeadura seis alqueires de senteyo".*

Segundo o Livro das Capelas de 1629, esta propriedade estava nas mãos de dois caseiros, João Álvares das Lamelas e Frutuoso João, ambos lavradores e moradores na freguesia de Minhotães. Pagavam de renda e pensão, cada um, duas medidas de milho e uma de centeio, fazendo o total de seis medidas de pão. Crê-se que o prazo sobre as referidas propriedades seria apenas um, contudo, como era de uso corrente, o usufruto das suas propriedades e o pagamento da renda que lhe cabia era dividido por dois ou mais caseiros, quase sempre herdeiros dos caseiros primordiais.

Aquando da tomada de posse destas terras pela Misericórdia de Vila do Conde, o mesmo Frutuoso João, acima indicado, apresentou-se com a sua mulher Filipa Gonçalves, como caseiros da Bouça do Souto e declararam que pagavam três medidas de pão por elas. Na mesma tomada de posse, também se apresentou o caseiro Domingos Martins, Gargana por alcunha, morador na freguesia de S. Pedro do Monte, declarando que pagava a renda anual de três medidas de pão pelas terras acima descritas.

No Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1695, nas páginas 32 e 34, há informação de que Manuel Jorge terá tomado o lugar de caseiro que anteriormente pertencia a Frutuoso João, e João Martins, Gargana por alcunha, sucedeu ao caseiro Domingos Martins, seu pai. Contudo, houve uma alteração na divisão do pagamento da renda anual sobre as propriedades. Manuel Jorge passou a pagar não só a parte da renda que correspondia a Frutuoso João, três medidas de pão, mas também a metade da renda que cabia a Domingos Martins, Gargana, uma medida e meia de pão. Tornou-se, deste modo, detentor da maioria do prazo e responsável pelo pagamento de quatro medidas e meia de pão. A outra parte da renda, correspondente a uma medida e meia de pão, era paga por João Martins, Gargana.

A partir de 1703, os dois caseiros passam a dividir o pagamento anual da renda com Manuel Gonçalves Calçada, que viria a falecer em 1716, juntamente com o caseiro João Martins, sendo ambos substituídos pelos seus herdeiros.

A 29 de Junho de 1721, a Misericórdia de Vila do Conde fez prazo de vidas sobre as terras acima descritas a Frutuoso da Silva e Maria Martins, sua mulher, moradores na freguesia de Minhotães. Segundo o documento, estes eram os parentes mais próximos dos anteriores caseiros, Manuel Jorge e João Martins, Gargana, e como tal, seus diretos sucessores. A pensão que o prazo estabeleceu sofreu um acrescentamento de meia medida de pão, passando para seis medidas e meia de pão.



Estes caseiros, Frutuoso da Siva e Maria Martins, dotaram estas propriedades ao seu filho, Padre Domingos de Araújo, para constituição de seu património. À morte deste, as terras passaram para a posse de sua irmã, Maria de Araújo, casada que era com Custódio Gomes Coelho, moradores na aldeia de Lamelas. Em 12 de Novembro de 1786, este casal apresentou um requerimento à Misericórdia de Vila do Conde, declarando que desistiam do direito que tinham na renovação do prazo de vidas das propriedades em favor de seu filho o Doutor Leonardo Gomes de Araújo. Uma das razões apresentadas era a de que Custódio Gomes Coelho estaria demasiado enfermo, não conseguindo mesmo assinar a vedoria e medição que tinham sido feitas às propriedades. A Misericórdia aceitou o requerimento e fez prazo de vidas ao referido Doutor Leonardo Gomes de Araújo em 12 de janeiro de 1787, sendo consortes no mesmo prazo Pedro de Araújo e Francisco Martins, com a responsabilidade de pagarem ao cabeça do prazo, meia medida de pão cada um. Neste novo prazo, a Misericórdia acrescentou a Lutuosa[4], no valor de uma galinha ou vinte réis por ela.

No Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1789, há informação de que, nessa altura, a renda era paga por Dona Felizarda e seus herdeiros, provavelmente esposa e filhos do anterior caseiro. Esta informação consta também do Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1843, acrescentando a informação de que lhe sucedeu Guilherme Ferraz de Araújo. Em finais do século XIX, a posse do prazo tinha passado para as mãos de Teresa de Oliveira Maria Benavides, que terá sido responsável pela remissão do referido foro em 13 de março de 1902, terminando, desta forma, o vínculo que, desde 1640, tinha com esta Santa Casa.

Estão assim, descritas e analisadas duas das quatro propriedades vinculadas à Capela que André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira instituíram na Misericórdia de Vila do Conde, segue-se a terceira, um Casal sito na freguesia de Santa Maria de Viatodos.

Tal como aconteceu com a propriedade anterior, também desta não existe registo de compra ou prazo com data anterior ao registo do Tombo das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa. A justificação para tal, dada por nota inscrita no Livro das Capelas de 1679, é de que as freiras ter-se-ão recusado a entregar tal documentação à Misericórdia após o falecimento de Beatriz da Encarnação e Isabel de Jesus, filha e neta dos instituidores da Capela. Portanto, é a descrição inserta no referido Tombo que aqui se transcreve:

*"Título do Casal que foi de Pedro Gonçalves o Gato que hoje possui António Domingues e sua mulher Ana Martins e seu*

[4] Antigo direito recebido pelo senhorio direto por morte do enfiteuta.

*filho Francisco Manuel Martins da freguesia de Viatodos da aldeia do Couto pertença da Capela de André Afonso Folgueira de que se paga vinte e oito alqueires (...) de pão milho e centeio (...) (título de prazo de três vidas)*

*O mato do Outeiro aqui hoje se chama da Tavilhão sito na Bouça dos Outeiros ...O Cortelho das Vessadas que hoje se chama do Outeiro terra lavradia cercado por valos com uveiras ao redor...A Bouça da Ponte que é de mato que está sita no Monte da Saia abaixo da estrada de Braga...O Cortelho da Bouça da Ponte de mato e lavradio e tem castanheiros e pinheiros cercado sobre si de valos e tem também sobreiros e carvalhos... A Bouça da Cal e a terra que é de mato e hoje se chama da Cachada cercada por valos e parede...A Leira de Sanardo que é de mato e antigamente se chamava de Talho segundo da Vinha Velha...O Campo da Fonte que antigamente se chamava a Vinha Velha em ele esta a fonte o qual é lavradio e mato cercado de valo... O Talho do Nabal que antigamente se chamava a Vinha Velha que é lavradio...O assento da eira com seu palheiro colmado cercado de valos, parede e caminho aonde tem a sua eira castanheiros uveiras e mais árvores de fruto e uma casa derribada...A Leira do Pocinho que está no meio da Cangosta que vem da Lamela para a Fontaínha...O assento das casas em que vive o caseiro Manuel Martins que é uma casa sobradada e outra térrea de cozinha pegado nela meias telhadas e meia colmaças e um coberto em que tem o lagar de pedra e seu curral de cortes de ter gado diante das ditas casas...O Campo da Lavandeira todo cercado sobre si aonde tem suas oliveiras todo em redondo cercado de valos...Uma Leira de terra lavradia sita no campo de Sob Lamas terra lavradia...A Leira do Capelo terra lavradia...A Leira do Gadelho que está dentro em um cortelho...A Leira da Lavandeira terra lavradia...A Horta do Moinho cercada por valo e também marcada com algumas uveiras ao redor...A Leira da Pedra da Vinha Velha de mato...No Soutinho terra de dez carvalhos..."*

O primeiro caseiro que se conhece deste Casal foi Pero Gonçalves, o Gato por alcunha, e dele pagava a renda anual de 28 medidas de pão. Sucedeu-lhe o genro, António Domingues, morador na freguesia de Santa Maria de Viatodos, que por sua vez foi substituído por seu filho Manuel Martins, casado com Maria Ferreira, a quem a Misericórdia de Vila do Conde fez prazo de vidas em 28 de junho de 1721, nas notas do Tabelião Manuel de Sousa Neves.

Seguiram-se os caseiros Manuel Martins do Souto e sua mulher Maria da Costa, que passaram o direito na sucessão do prazo a sua filha, Rosa Maria da Costa, casada com Manuel Vicente. Após o falecimento deste, sua mulher Rosa Maria da Costa vendeu, em 4 de outubro de 1840, o Campo do Cortelho, uma das propriedades do prazo a Francisco José Gomes de Miranda, pela quantia de 80 mil réis.

O prazo passou depois para Manuel José Pereira. Em 5 de dezembro de 1857, a Misericórdia fez renovação deste prazo de vidas em favor de Miguel Pereira e sua esposa Teresa Maria da Costa, ambos moradores na dita freguesia de Santa Maria de Viatodos.

No Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1895, há informação de que este prazo terá passado para o Padre José Joaquim Garcia de Oliveira, da freguesia de Santa Maria de Viatodos, nos inícios do século XX. Há também uma nota que dá o prazo como remido na Repartição da Fazenda de Braga em 19 de março de 1919.

A última renda ou pensão vinculada à Capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira de Valadares, sua esposa, corresponde ao pagamento feito pela posse de três leiras na Bouça de Penas e o assento das Paias, sitas junto ao monte de Penouços, freguesia de Santa Maria de Viatodos. André Afonso Folgueira tinha arrendado estas

propriedades a umas mulheres conhecidas como as Paias, que delas pagavam de renda 10 medidas de pão meado e dois frangos. Por falecimento daquele, foi feito inventário de bens e avaliaram-se estas leiras em 12 mil réis. Pelo mesmo inventário constatou-se que, já nessa época, não se sabia das escrituras de venda.

Destas propriedades, existe o arrendamento feito ao caseiro Domingos Martins, morador na aldeia do Luvar, freguesia de Santa Maria de Viatodos, em 13 de setembro de 1659. Nesse documento, Domingos Martins admitiu que trazia as referidas propriedades e que delas pagava a renda anual de 10 medidas de pão meado e dois frangos. Segundo a sua descrição das leiras, elas confrontavam, do Nascente, como o monte de Penouços, do Norte, com a cangosta que ia para o Regadio, e do Sul, com o campo que pertencia a António Martins do Monte.



Sucedeu-lhe Domingos Gonçalves, seu genro, casado com Margarida Rodrigues, e depois dele António Gomes, morador na aldeia do Luvar, por informação constante no Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1724. No mesmo livro, dá-se informação de que foi feito prazo de vidas a este caseiro no dia 1 de junho de 1721, nas notas do Tabelião Manuel de Sousa Neves, estabelecendo uma renda anual de 9 medidas de pão em vez das 10 medidas e dois frangos que eram pagos anteriormente.

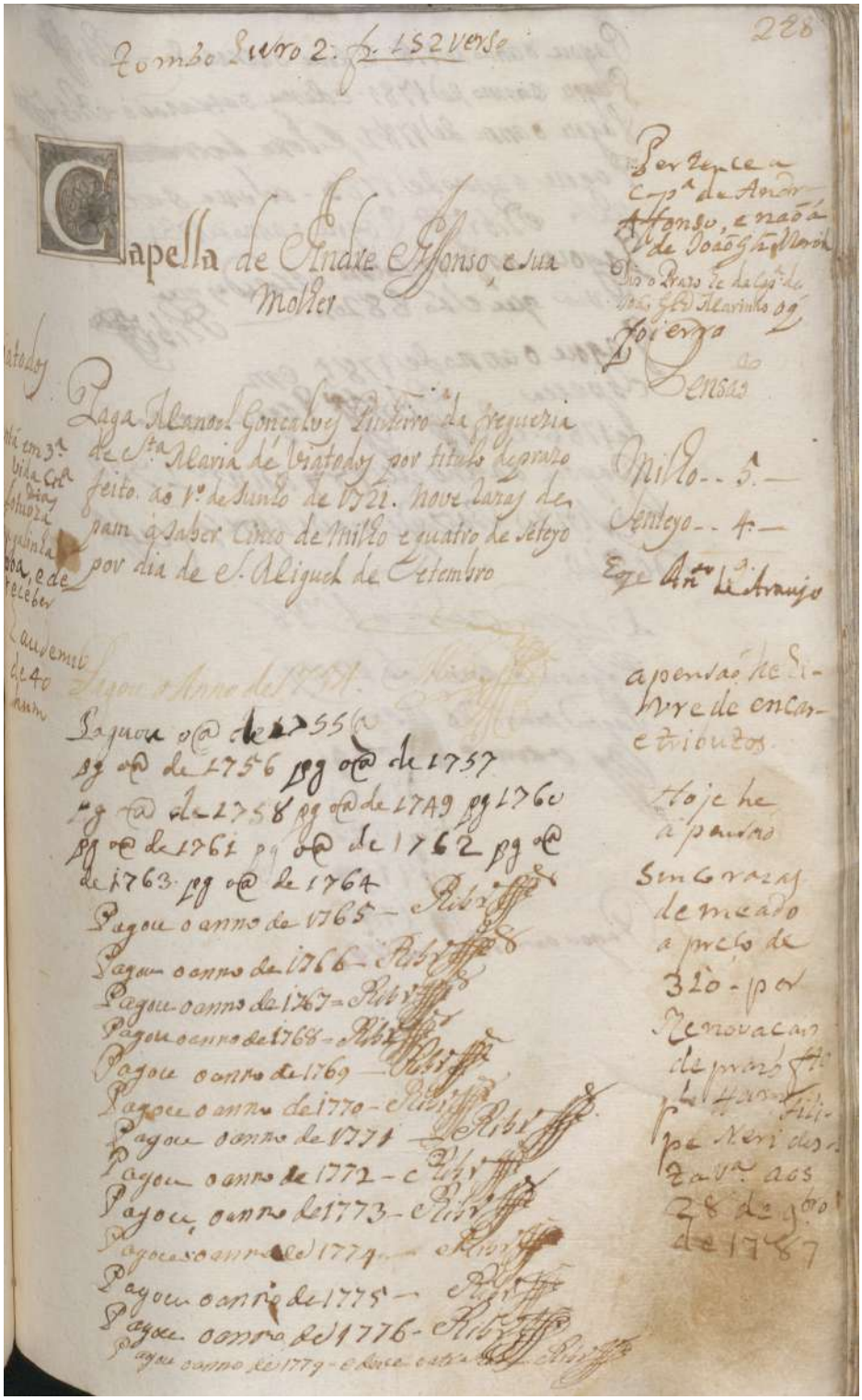
Este prazo refere que estas propriedades pertencem à Capela instituída por João Gonçalves Marinho, que também deixou várias propriedades na freguesia de Santa Maria de Viatodos, contudo, trata-se claramente de um erro. Erro esse que foi passado para o Tombo das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa, aumentando ainda mais o equívoco.

António Gomes passou a propriedade para Manuel Gonçalves Pinheiro, conforme registo no Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1754. Sucedeu-lhe António de Araújo Lomba, casado com Maria Gomes, a quem a Misericórdia fez prazo de vidas em 28 de novembro de 1787, nas notas do tabelião Filipe Nery de Assunção Faria Vilas Boas e Silva, com renda e pensão anual de 5 medidas de pão meado.

O Livro do Recibo de Pensões e Caseiros de 1789, apresenta Domingos Pereira Barbosa como caseiro, referindo que se pagou uma lutuosa em 14 de dezembro de 1811, provavelmente por falecimento do anterior caseiro. Sucedeu-lhe José Araújo Teixeira de Novais, morador na freguesia de Nine. Em 22 de dezembro de 1921, foi apresentado à Mesa Administrativa desta Santa Casa um requerimento pedindo a remissão deste foro.

Cumprindo os normais procedimentos da remissão dos foros, extinguiu-se mais uma das Capelas que estava sob administração desta Misericórdia. De facto, desde inícios do século XX até 1974, a Misericórdia de Vila do Conde, há semelhança de outras tantas espalhadas pelo país, perdeu a sua fonte principal de rendimento. Rendimento esse que possibilitava, entre outras tantas coisas, o curativo gratuito dos doentes pobres que acorriam ao nosso hospital e a dotação de jovens órfãos com quantias que lhes asseguravam um bom casamento e uma vida digna. Afortunadamente, a capacidade e o engenho dos Irmãos e Irmãs desta Santa Casa da Misericórdia, aliados à generosidade dos seus benfeitores, permitiram que, sabiamente, se soubesse adaptar e antecipar aos problemas e necessidades da sociedade.

**Liliana Aires**



Livro do Recibo de Pensões e Caseiros, 1754

# CIMMVC

## Memórias em exposição - 2º semestre 2019

### Semana do Arquivo Histórico

O Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde -CIMMVC- promoveu, entre os dias 11 e 14 de junho de 2019, no âmbito da comemoração do Dia Internacional do Arquivo Histórico, visitas guiadas ao seu Arquivo Histórico. Esta ação teve como objetivo a sensibilização da comunidade para a importância da conservação do património. Os visitantes demonstraram grande interesse em conhecer o espólio documental desta Instituição, nomeadamente livros e pergaminhos. Para além da visita, foi também realizada uma demonstração sobre a forma como a documentação é tratada, higienizada, digitalizada e acondicionada nas nossas instalações.

**Demonstração do tratamento de documentos**

### Rendas de Bilros da Misericórdia

Esteve patente nas instalações do CIMMVC, entre os dias 18 de julho e 12 de outubro de 2019, uma exposição temporária intitulada "Rendas de Bilros da Misericórdia", onde estiveram expostos vários trabalhos em rendas de bilros. Estas rendas foram produzidas pelas jovens vila-condenses que, em 1986, frequentaram os cursos de formação profissional em artes tradicionais desta região que a Misericórdia de Vila do Conde ministrou. A realização desta exposição teve como objetivo não só mostrar os belíssimos trabalhos que resultaram desses cursos, mas também sensibilizar a população para a importância da continuação das tradições histórico-culturais de Vila do Conde e o relevante papel que esta Instituição teve no resgate da secular tradição do ofício de rendilheira.

**Almofadas de rendilheiras e de aprendizes**

**Exposição "Rendas de Bilros da Misericórdia"**



**Memórias de um Nascimento**

O Natal foi assinalado no CIMMVC de uma forma muito especial. Este ano, as diversas valências desta Santa Casa presentearam-nos, cada uma, com o seu presépio artesanal, feito com todo o cuidado, carinho e saber dos seus utentes, colaboradores e Irmãos da Instituição. De igual modo, também alguns artesãos locais disponibilizaram as suas peças para esta exposição. Estes presépios foram as estrelas na exposição temporária que aqui se realizou, intitulada "Memórias de um Nascimento", que esteve patente ao público de 3 de dezembro de 2019 a 18 de janeiro de 2020. Paralelamente, abrimos o nosso cantinho do conto para recebermos as crianças, este ano com a leitura de dois contos de Natal adaptados para diferentes idades. Saíram daqui verdadeiramente sensibilizadas, cheias de promessas de "bom comportamento" e com a esperança de para o ano retornar.

**Liliana Silva Aires**

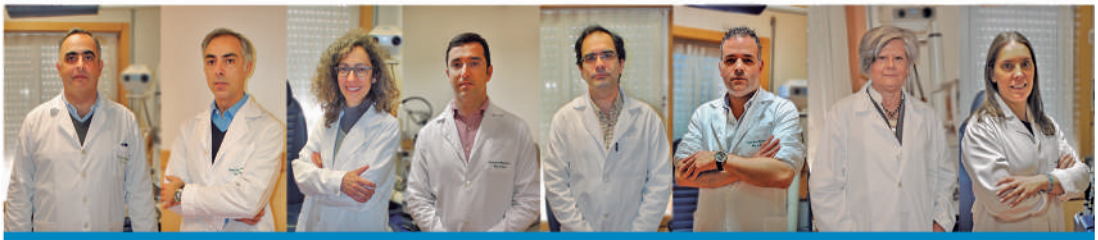
**O "Cantinho do Conto"**

**Exposição "Memórias de um Nascimento" contou com presépios de diversos estilos**

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
VILA DO CONDE
*Desde 1510 ao serviço da comunidade*

# Serviço de Oftalmologia

***Um serviço de proximidade...um serviço humanizado!***





Equipa de Oftalmologia multidisciplinar e diferenciada
Meios complementares de diagnóstico atualizados
Tratamentos de vanguarda para as diferentes patologias oculares

## CATARATAS

A cirurgia da **catarata** com facoemulsificação por microincisão permite substituir o cristalino (catarata) por uma lente intraocular monofocal ou **multifocal**, caso o objetivo seja a **independência de óculos para todas as distâncias**. É realizada com anestesia local (indolor) e sem necessidade de internamento. A recuperação da visão surge poucas horas depois da intervenção.

## GLAUCOMA

Possuímos uma unidade especializada no diagnóstico e tratamento do glaucoma, com controlo informatizado da evolução da doença **(OCT e campos visuais computorizados)**.
Efetuamos **tratamento médico e cirúrgico adequados a cada paciente.**

## TRAUMATOLOGIA OCULAR

O **traumatismo do olho** pode atingir várias estruturas do olho com necessidade de **tratamento médico e/ou cirúrgico**. Efetuamos os tratamentos médicos e cirúrgicos necessários de modo a evitar ou minimizar sequelas visuais.

## MIOPIA, HIPERMETROPIA, ASTIGMATISMO

Utilizamos técnicas sempre atualizadas, Laser EXCIMER (Técnica **LASIK** e **PRK**) e lentes intra-oculares.
De forma segura e com alta precisão de resultados os nossos pacientes obtêm absoluta liberdade visual. A correção ocorre de forma rápida, sem dor e sem necessidade de hospitalização.

**Candidatos:**
Pessoas com **miopia, hipermetropia e astigmatismo;**
Idade superior a 18 anos; Atividade profissional e de lazer prejudicada pelo uso de óculos;
**Intolerância às lentes de contacto;**
Ou simplesmente queiram **deixar de usar óculos** e ver bem logo ao acordar de manhã.

## OLHO SECO, QUERATOCONE E OUTRAS DOENÇAS DA CÓRNEA

A nossa unidade conta com especialistas dedicados às doenças da córnea e da superfície ocular, que lhe poderão proporcionar as melhores soluções terapêuticas para estas patologias, as quais são cada vez mais frequentes na atualidade.

Rua Rainha Dona Leonor, 61 - 1º Andar 4480-247 Vila do Conde | **Tel.** 252 249 100/132/133 | **Fax.** 252 633 251 | **Email:** geral@scmvc.pt | **Site:** www.scmvc.pt *Registo ERS: E107785*

## DOENÇAS DA RETINA

Este serviço proporciona técnicas de diagnóstico atualizadas: **OCT**-Tomografia de Coerência Óptica e **angiografia fluoresceínica digitalizada.**
Tratamento **LASER; injeções intravítreas; terapêutica fotodinâmica** para as doenças da retina mais frequentes: **retinopatia diabética,**
**DMI** (degenerescência macular da idade), oclusões vasculares da retina (tromboses), coriorretinopatia miópica.

## PARAMILOIDOSE – AMILOIDOSE OCULAR

A **paramiloidose** associa-se a alterações oculares que podem levar à **cegueira**, nomeadamente o glaucoma e a amiloidose vítrea, se não forem tratadas atempadamente. O transplante hepático não previne a progressão da amiloidose ocular. Assim, **todos os doentes com paramiloidose devem ser observados regularmente por um oftalmologista especializado nesta patologia.**

## CIRURGIA OCULOPLÁSTICA

As alterações dos tecidos perioculares **(pálpebras descaídas, peles, gorduras)** podem ter origem congénita, traumática e associadas ao envelhecimento. Esta região da face é particularmente notória e de muito impacto na relação interpessoal.

A solução para estas patologias está a cargo dos Oftalmologistas cirurgiões oculoplásticos, especialistas diferenciados no tratamento de **blefaroplastia, ptose, bolsas de gordura, defeitos traumáticos das pálpebras.**

Nesta unidade temos uma reconhecida experiência também no tratamento das patologias que levam ao **lacrimejo** permanente do olho, utilizando técnicas de cirurgia clássicas, mas também cirurgias minimamente invasivas com **LASER**, evitando cortes e cicatrizes.

**Cirurgia ocular em ambulatório, dispondo de equipamentos de alta tecnologia.**

## OFTALMOLOGIA PEDIÁTRICA

A avaliação oftalmológica da criança é fundamental para detetar e tratar problemas visuais antes que estes provoquem alterações irreversíveis da visão. Esta **avaliação deve começar logo ao nascimento** para excluir malformações congénitas. Posteriormente deve ser feito um rastreio **aos 2 anos** para identificar erros refrativos ou outras alterações que possam provocar ambliopia, ou o chamado **"olho preguiçoso"**. Uma deteção e tratamento atempado, mesmo antes de os pais ou familiares detetarem problemas visuais, previne o "olho preguiçoso". Aos **3-4** anos e **antes do primeiro ciclo** deve repetir-se o rastreio e as avaliações seguintes vão variar consoante os fatores de risco familiar. A qualquer altura, se houver suspeita de alterações oculares pelos Pais ou Médico Assistente, a criança deve ser avaliada por um Médico Oftalmologista.

## CIRURGIA DE DESCOLAMENTO DE RETINA E DE PATOLOGIA MACULAR

O **descolamento de retina** provoca geralmente uma diminuição súbita da visão e/ou do campo visual, e deve ser tratado cirurgicamente de forma atempada. O aparecimento de **"moscas volantes"** pode ser o primeiro sintoma de patologia retiniana precursora de descolamento de retina. Efetuamos **cirurgia de reparação de descolamento de retina** e **vitrectomia** com **remoção de membranas epi-retininanas, nos buracos maculares, na retinopatia diabética proliferativa**, entre outras patologias.

***Cuidamos da sua visão!***

# *PROSAS BÁRBARAS*
## - " Uma Novidade Extravagante e Burlesca"
## (1.ª fase da vida literária de Eça de Queirós) - Parte II

**4. Tema do Satanismo**

É precisamente "a geração de Eça, de Antero, de Teófilo, de Gomes Leal, de Junqueiro, de Fialho, que se debruçará mais atentamente sobre Satã. Limitam-se, contudo, no geral, a evocar o antigo esplendor do Diabo, ou a contar a sua decadência"[4].

Trata-se, pois, de um "diabo-saudade", burlescamente representado nas suas desventuras.

O satanismo era então uma escola e todos nós nos considerávamos satânicos – dirá Eça, mais tarde, em Ecos de Paris[5].



Nas *Prosas Bárbaras*, é-nos apresentado um Diabo decadente e velho, encarando a proximidade da morte com uma melancolia irónica, saudoso das suas extraordinárias aventuras.

Assim, esta figura satânica aparece-nos em *O Senhor Diabo, Mefistófeles, Macbeth* e *Ladainha da Dor*.

***O Senhor Diabo*** – Este folhetim narra-nos o derradeiro amor do Diabo, um amor infeliz, "nas terras do Norte", na Alemanha, depois de muito ter amado:

«O Diabo amou muito (p.199), mas a sua vida é a grande aventura do Mal.» (p.197).

Eça retrata-o como um homem forte, de «olhos negros como os dois sóis legendários do país do Mal, de cabelos negros, poderosos e resplandecentes, de uma bela palidez de mármore e de uma tristeza imensa e doce.» (p. 202).

Nesta "Prosa Bárbara", o Diabo já exausto, intromete-se no enamoramento de Maria e Jusel: ela, a pura e doce fiandeira; ele, o lindo moço tímido, mas de coração forte e sereno.

O seu amor crescia sob as bênçãos do Cristo da varanda, a quem Jusel ia buscar a sua força.

O "homem pálido" dirigindo-se a Jusel, diz-lhe: «Aquela rapariga tem uns cabelos louros que dizem bem com os meus cabelos pretos. As cintas delgadas querem os braços fortes. Os lábios vermelhos de desejo gostam das armas vermelhas de sangue. É minha a dama, senhor Bacharel!» (p. 203).

E apoderando-se da mão de Jusel, comunica-lhe a sua morte próxima, dizendo ironicamente:

«Enquanto aos sacramentos são inúteis: eu me encarrego de te purificar pelo fogo.» (p. 204).

E voltando-se para o seu pajem:

«Rabil, toca na guitarra o rondó dos defuntos: anuncia no Inferno, o Bacharel Suspiro.» (p.204).

Quando, porém, Jusel lhe mostra o Cristo da varanda, onde reside a sua força, o homem dos olhos terríveis, cheirando-lhe ali "às terras de Jerusalém", chama Rabil e ambos desaparecem, soluçando.

Na noite seguinte, sob um luar purificador, Jusel, a pedido de Maria, sobe à varanda, sentam-se ambos junto da imagem de Cristo, estabelecendo-se, assim, uma atmosfera de "mistério nupcial".

E à maneira do "dolce still nuovo", repassado de platonismo e petrarquismo, assistimos à confissão amorosa através da linguagem do olhar, de tradição provençal e

---

[4] Jacinto do Prado Coelho (direcção de) – *Dicionário de Literatura (Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega)*, 2.º vol., p.988, in "Satã e Satanismo" (pp. 986-989), Porto, 1971.

[5] Eça de Queirós, *Cartas de Paris*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, in "Ecos de Paris", p.57.

já presente na nossa lírica trovadoresca galaico-portuguesa.

Apesar dos receios de Maria quanto à reacção de seu pai, Jusel propõe a realização dos seus esponsais no coração de Jesus – com a agulheta que prendia o cabelo de Maria, grava «sobre o peito de Cristo as letras dos dois nomes enlaçadas – J. e M.»

A este noivado, envolto da "religião da graça", segue-se um diálogo misterioso das duas almas, que confundidas, se elevam nos céus, assentes na justiça, na perfeição, na pureza.

Este "casamento das almas", gravado no peito de Cristo, é perturbado por uma trilogia diabólica – o diabo, o seu pajem e o pai de Maria, que vem para enforcar Jusel.

Maria, afiita, mostra ao pai as letras enlaçadas sobre o coração de Cristo, símbolo dos seus esponsais divinos. Quando, instigado pelo diabo, o velho vai para raspar as letras, a imagem, despregando uma das suas mãos, cobre "as letras desposadas".

O Diabo, dando-se por vencido, reconhece aquele casamento e afasta-se, depois de pedir ao velho que abençoe os noivos.

A narrativa aproxima-se do fim com a separação do Diabo e do seu pajem, após um diálogo em que o primeiro reconhece a sua velhice e incapacidade para amar:

« - Estou velho. Vai-se-me a vida. Sou o último dos que combateram nas estrelas. Os abutres já me apupam. É estranho: sinto nascer cá dentro, no peito, um rumor de perdão. Gostava daquela rapariga. Lindos cabelos louros, quem vos dera no tempo do céu! Já não estou para aventuras de amor!» (pp. 208-209).

«É esta a minha última aventura. Vou para o meio da Natureza, para junto do livre mar, pôr-me sossegadamente a morrer.» (p. 209).

Por fim o Diabo encontra-se sozinho, perante um cruzeiro de pedra e diz:

« - Estás também deserto – disse olhando para a cruz. – Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu! Sofreste calado.»

E sentando-se nos degraus do cruzeiro, enquanto vinha a madrugada, afinou a guitarra e cantou no silêncio:

*Quem vos desfolhou estrelas,*
*Dos arvoredos da luz?*

E com uma grande risada melancólica:

*Chegará o Outono ao Diabo?*
*Virá o Inverno a Jesus?* (pp. 209-210).

**Mefistófeles** – Neste folhetim, Mefistófeles é a figura dramática da ópera de Gounod, intitulada "Fausto", que se resume a «uma simples aventura do antigo Diabo» (p. 247).

Nesta ópera, Fausto, muito diferente do Fausto de Goëthe, representa o tipo dos ambiciosos grotescos que faziam, por escrito, um contrato com o Diabo tendo como objectivo a realização de um desejo, a troco de «uma pequena coisa desprezível, menos valiosa que o dinheiro e que os estofos, uma coisa inútil e estéril que se lhe atirava desabridamente – e que era simplesmente a alma!» (p. 248).

Fausto "vende" a sua alma ao Diabo, que sempre o acompanha, vestido de escarlate, sob o nome de Mefistófeles, para obter «o amor vulgar de uma rapariga clara e loura, que tinha um modo celeste de fiar, cantando» - Margarida, "uma alma lírica, nebulosa, nostálgica, sensual" diferente, portanto, da de Goëthe:

«Margarida não é, na ópera de Gounod, como em Goëthe, o símbolo da alma alemã, simples, casta, sofredora (...)» (p. 249).

Eça sintetiza as diferenças entre o poeta e o compositor, dizendo, quanto às personagens deste último:

«Este Fausto tem na alma um lirismo teatral, esta Margarida um paraíso artificial.» (p. 249).

«... mas só Mefistófeles vive!», aparecendo-nos na «sua grande figura angulosa, nervosa,

elástica, incisiva!» (p. 247).

Ironicamente, Eça chama-lhe "o bom Mefistófeles":

«Mas ele, o bom Mefistófeles, tem uma vida real e poderosa. É ele – a antiga criatura terrível e grotesca, vaidosa, infame e trágica. É o antigo Satanás das Legendas. É ele – o mesmo a quem os Sevérios ouviram dizer que antes queria devorar uma alma, do que voltar, entre purificações, para os seus antigos camaradas, os astros, *sidera lucida*! É ele, o eterno inspirador dos heréticos e dos impostores, ele que ensinava os oráculos aos crocodilos de Arsinoé, e aos carvalhos proféticos de Dodona, e que dava a Manés, o homem ímpio, a ascética palidez das monges, como dá a Fausto, velho e tépido, o resplandecente magnetismo do olhar. Ele, que segundo as tradições judaicas, inventou os enfeites e as jóias, para ferir os castos instintos da mulher – e que atirava os corais ao regaço das mulheres de Brabante, como mostra a Margarida a cor traiçoeira e hipócrita das pérolas. É ele o mesmo que em Babilónia tomava as atitudes hieráticas de um Deus, e fugia do olhar de Daniel – como na quermesse de Leipzig toma a voz sinistra e rouca do dinheiro, e cai torturado e cobarde diante da serena aparição das cruzes das espadas. É ele o antigo Diabo que dava aos monges da Tebaida o mal da *acedia*, como dá à pobre Margarida o mal do amor. Tortura os monges do Ocidente; dá-lhes as chagas e as dores de Job, envolve-os nas visões magníficas do mal.» (p. 250).

E Eça termina com um juízo crítico sobre a peça de Gounod:

«Toda aquela música da ópera que envolve Mefistófeles é a vaga melodia sombria do mal. Tem o escárnio, tem a violência, tem as trevas, a jovialidade e o medo. Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.» (p. 251).

***"Macbeth"*** – O protagonista deste drama épico criado por Shakespeare é, como diz Eça, "o mal fantasma." (…) «É uma energia inconsciente e fatal. Um pouco mais mergulhado na sombra, seria o igual de Satã. Quando a sua coroa reluz na escuridão parece que as constelações devem seguir aquele reflexo terrível, curiosas de saber que sombria aventura vai ele tentar contra o Homem. Porque é certo que ele provoca a atenção do Infinito, e tem misteriosas afinidades na noite.

«Ele atravessa todo aquele drama como um espectro» (p.78), matando os reis, o povo, os homens históricos, as crianças de "olhar divino", as mulheres "de seios fecundos", a pátria.

Criticamente, o Autor continua:

«Esse Adão do mal tem uma Eva monstruosa – Lady Macbeth. Lady Macbeth é a serenidade do mal» (p.79), "a sacerdotiza do mal", privada do amor, da compaixão, da consolação, da melancolia, da maternidade, mantém "a atitude hirta e rígida do mal."

Lady Macbeth é como uma estátua do crime (…)». (pp. 79-80).

São, na verdade "duas figuras tenebrosas", poderíamos dizer satânicas.

Uma vez mais, Eça confronta a Literatura e a Música, pela qual nutria um entusiasmo tal que se tornara um frequentador assíduo do S. Carlos. No entanto, ao estabelecer um paralelo entre Macbeth – criação dramática de Shakespeare – e a interpretação musical de Verdi, as suas preferências vão para a cena dramática.

***Ladainha da Dor*** – Aparece também aqui a figura do Diabo, guiando a mão do pintor Lyser, ao executar o retrato de Paganini:

«O pintor Lyser voltou da Boémia com a sua doidice elegíaca. Pedia-lhe o retrato de Paganini como tu querias, mas ele disse-me em segredo que fora o Diabo que lhe guiara a mão naqueles traços, e que ia conservar uma lembrança do Diabo, seu velho amigo.» (p. 97).

Não podemos terminar este tema do Satanismo sem uma referência ao aparecimento de Carlos Fradique Mendes, um poeta satânico, criado por Eça para «suprir uma das muitas lacunas lamentáveis» dos lisboetas apáticos e imobilizados, perante a «riqueza

imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência parecia ser tão absolutamente desconhecida em Portugal.»[6]

Eça de Queirós apresenta esse "poeta sensacional" na *Revolução de Setembro* nestes termos:

«São do Snr. Carlos Fradique Mendes – verdadeiro poeta, que por ora só conhecem os seus amigos íntimos – as seguintes poesias. Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o Sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Leconte de Lisle, Benville e a todos os poetas da nova geração francesa. O seu espírito em parte cultivado por esta escola é entre nós o representante dos satanistas do norte, de Coppert, Van Hole, Kitzig, e principalmente de Ulurus, o fantástico autor das *Auroras do Mal*. O Sr. Fradique Mendes tem hoje completas três grandes colecções de poesias, que pela unidade, pela dominação de um ideal geral, e ainda pela intimidade da forma, constituem três vastas epopeias. A primeira colecção de versos amorosos, de pequenos romances, tem por título: *A Guitarra de Satã*. A segunda, poesias filosóficas, denomina-se *Boleros de Pã*. A terceira, série de poesias históricas e fantasias dramáticas, chama-se "Ideias Selvagens"[7](...)»

Após esta apresentação, seguiam-se as várias poesias, das quais destacamos *Serenata de Satã às Estrelas*, da autoria incontestável de Eça de Queirós, pelo que poderemos lembrar que Fradique Mendes é uma espécie de heterónimo do "pobre homem da Póvoa de Varzim", uma forma embrionária a apontar de/para a futura "galáxia" pessoana, a melhor metáfora encontrada por José Augusto Seabra para se referir ao sistema poetodramático de Fernando Pessoa.»[8]

**5. Tema da crítica social**

A par da atmosfera fantástica do sonho e do irreal, aparece também nas *Prosas Bárbaras* a ironia, apontando-nos já o futuro crítico da sociedade contemporânea, que se há-de afirmar na sua fase realista, com o *Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, Os Maias*.

Com o folhetim ***Lisboa***, que Machado da Rosa considera uma farpa *avant la lettre*[9], Eça coloca-se já no terreno da crítica social.

Lisboa é uma cidade materialista e sensual: «quer (...) mulheres despidas, pedraria, e ouro, ouro, ouro e ainda ouro, e mulheres despidas, e mais ouro!» (p. 186).

De noite é uma cidade morta, adormecida na rotina e tédio:

«Vem a noite. Lisboa toma a impassibilidade das penedias.

As casas sem luz têm o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas. A iluminação é um coro de gás, bocejando. Das encruzilhadas das ruas solitárias, de todo este deserto de cantarias e de vidraças, exala-se uma sonolência fluida, um hálito de tédio. Lisboa de noite é tão silenciosa que quase se sente o crescer da erva que a há-de cobrir no dia das ruínas.

É tão triste que a noite parece um arrependimento da vida! Nas belas moradas, nos casebres, nas trapeiras, em cambraia, em farrapos, em palhas, por toda a parte, há um vasto sono inerte e vegetal.» (p. 186).

Esta sonolência em que Lisboa está mergulhada faz-nos lembrar o final d'*Os Maias*, quando Eça e Carlos percorrem o Chiado e o Loreto, após "um exílio de quase dez anos".

«Estavam no Loreto: e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade daquele velho coração da capital. Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos repos-



[6] *In Memoriam Antero de Quental*, p.460.

[7] Citado em João Gaspar Simões – Eça de Queiróz, o Homem e o Artista, Edições Dois Mundos, Lisboa, 1945, p. 186.

[8] José Augusto Seabra – *Fernando Pessoa* ou o *Poetodram*, Editora Perspectiva, S. Paulo – Brasil, 1974, p. 78.

[9] Alberto Machado da Rosa – *Eça, discípulo de Machado?*, Editorial Presença, Lisboa, 1964, p. 41.

teiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendiam nas portas das suas igrejas. O Hotel Aliança conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo sol dourava o lajedo, batedores de chapéu à faia fustigavam as pilecas; três varinas, de canastra à cabeça, meneavam os quadris, fortes e ágeis na plena luz. A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca, politicando.

- Isto é horrível, quando se vem de fora! – exclamou Carlos. – Não é a cidade, é a gente. Uma gente feíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!...

(...) Foram descendo o Chiado. Do outro lado, os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostados às mesmas portas, sujeitos que lá deixara havia 10 anos, já assim encostados, já assim melancólicos. Tinham rugas, tinham brancas. Mas lá estacionavam ainda, apagados e murchos, rente das mesmas ombreiras, com colarinhos à moda.»[10]

E Eça continua no seu "Folhetim".

«Em Lisboa a vida é lenta: Tem as raras palpitações de um peito desmaiado. Não há ambições explosivas; não há ruas resplandecentes cheias de tropéis de cavalgadas, de tempestades de ouro, de veludos lascivos: não há amores melodramáticos: não há as luminosas eflorescências das almas namoradas da arte: não há as festas feéricas, e as convulsões dos cérebros industriais.

Há escassez da vida; um frio senso prático. A preocupação exclusiva do útil. Uma seriedade enfática. E a adoração burguesa e serena da moeda de cinco tostões – da moeda de cinco tostões, branca, perfeita, celeste, pura, imaculada, consoladora, e purificadora!» (p. 188).

Agora, a crítica queirosiana atinge de um modo implacável e sarcástico os indivíduos que assentam a sua importância nos lugares por onde passam:

«A Lisboa material tem feições morais. Há sítios que dão, aos que os pisam, uma individualidade. O lajedo e a cantaria consagram espíritos. Encostar-se no Chiado! – isto significa ter a fina flor da graça, a vivacidade conceituosa e costumes despedaçados. Estar no Martinho – revela inspiração, divindade interior, lirismo e política crítica. Ó Lisboa, tu não tens caracteres, tens esquinas!» (p. 188-189)

E mais adiante:

«Uma das maiores alegrias de Lisboa é sujar-se!» (p. 189)

E ironicamente:

«Lisboa é assim. Vem um dia em que ela quer voltar ao seu elemento primitivo, e ninguém a pode impedir de ser lama: é o Entrudo.

Suja-se então livremente, faz tempestades nojentas, naqueles dias o seu tédio é feito de prodígio e de imundície, e é um sol dos escoadoiros!

Lisboa respeita a limpeza, mas adora a lama. Colisão! Lisboa, cidade inspirada, corta magnificamente o embaraço, lavando-se no lodo do Tejo!» (p. 190).

E quase a terminar, em forma de balanço:

«Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou?

O Fado.»

Vale a pena transcrever parte do diálogo entre a alma e o coro dos corpos, sobre a morte, diálogo repassado de uma verdade terrivelmente crua e amarga:

« - Morreu um homem – pensa tristemente a alma.

- Aaah – diz tristemente o coro dos corpos, cobertos de pano, de seda, de cassa, de burel, de farrapos.

- Morreu, - pensa a alma – sofreu, comeu, digeriu, pobre corpo! Um corpo bem lavado, bem engordado, bem macio!

[10] Eça de Queirós, *Os Maias*, Livros do Brasil, Lisboa, s/d, p. 697.

(...)

- Os bichos da cova hão-de-lhe roer a cara: os olhos, aqueles olhos cheios de luz que vestiram tantas vezes uma alma bem-amada, serão comidos: ficarão dois buracos: ali aninham-se os bichos: é uma multidão: donde caíam lágrimas para a ternura, nas horas luminosas, hão-de escorregar umas formas viscosas, negras, que roem e incham – os vermes!» (p. 191).

A parte final deste extracto faz-nos lembrar o poema de Sophia de Mello Breyner intitulado "Meditação do Duque de Gândia sobre a morte de Isabel de Portugal"[11], de que se destacam os seguintes versos:

«A luz da tarde mostra-me os destroços
Do teu ser. Em breve a podridão
Beberá os teus olhos e os teus ossos
Tomando a tua mão na sua mão».[12]

**O Miantonomah** – Eça começara a procurar a inspiração para os seus folhetins na realidade, fora dos livros.

A este propósito, diz J. Gaspar Simões: «Por isso mesmo, depois de se ter inspirado na data do ano, vai a bordo do navio de guerra americano fundeado no Tejo, o Miantonomah e sobre ele escreve uma página cheia de abstracções, é certo, mas em todo o caso de raiz concreta.»[13]

"Sinistro e negro", amedrontado pela sua "frieza na força" é a imagem alegórica da América do Norte: «representa a consciência soberba da força e da indústria.» (p. 155).

O *Miantonomah* é assim: ataca serenamente, com violências enormes, continuando «lento, frio, impassível, mudo, tenebroso, coberto de ferro», sem recear o mar. (p. 156).

É baseando-se na imagem deste "negro navio", com "maquinismos frios", "forças pavorosas", "fogueiras terríveis" que Eça tenta definir a América do Norte:

«Nós entrevemos a América como uma oficina sombria, e resplandecente, perdida ao longe nos mares, cheia de vozes, de coloridos, de forças, de cintilações.

Entrevemo-la assim: movimentos imensos de capital; adoração exclusiva e única do deus Dólar; superabundância de vida; exageração de meios; violenta predominação do individualismo; grande senso prático; atmosfera pesada de positivismos estéreis; uma febre quase dolorosa do movimento industrial; e por fim um profundo tédio pelo vazio que deixa na alma as adorações do deus Dólar: depois a mesma temperatura e a mesma geologia da Europa.» (p. 158).

E uma vez mais, a crítica ao industrialismo, abafando uma Natureza generosamente fértil:

« (...) e depois uma Natureza vigorosa, fecunda, eleita, desaparecendo entre as indústrias, os fumos das fábricas, as construções, os maquinismos, todas as complicações mercantis da América – como uma pouca de erva de uma campina fértil que desaparece sob uma amontoação nervosa de homens.» (pp. 158-159).

E após uma reflexão crítica e irónica, interroga retoricamente:

«A vida da América do Norte é quase um paroxismo.

Isto é decididamente uma grande força, uma vida enorme, superabundante. Mas será vital, fecundo, cheio de futuro? » (p. 159).

Eis o começo da resposta, repassada de ironia e de comentários acertados:



[11] O Duque de Gândia, futuro S. Francisco de Bórgia, era casado com D. Leonor de Castro. Apaixonara-se, porém, pela esposa de Carlos V, D. Isabel de Portugal (filha de D. Manuel I), que veio a falecer um ano após a sua esposa. Perante a morte da Imperatriz, a grande paixão da sua vida, decidiu professar na Companhia de Jesus.

[12] Sophia de Mello Breyner Andresen – *Obra Poética, II*, Editorial Caminho, Lisboa, 1991, p. 62.

[13] João Gaspar Simões – *Eça de Queirós, o Homem e o Artista*, Edições Dois Mundos, Lisboa, 1945, pp. 103-104.

«Todos os dias dizem à Europa: - Olhai para os Estados Unidos, lá está o ideal liberal, democrático, e, sobretudo, a grande questão, o ideal económico.

Mas a América consagra a doutrina egoísta e mercantil de Monroe, pela qual uma nacionalidade se encolhe na sua geografia e na sua vitalidade, longe das outras pátrias; esquece as suas antigas tradições democráticas e as ideias gerais para se perder no movimento das indústrias das mercancias; alia-se com a Rússia; a raça saxónica vai desconhecendo os grandes lados do seu destino, enrodilha-se estreitamente nos egoísmos políticos, e nas preocupações mercantis, cisma conquistas e extensões de territórios, subordina o elemento grandioso e divino ao elemento positivo e egoísta, e a grande figura sideral do Direito às fábricas, que fumegam negramente, nos arredores de Goetring. Isto dizem muitos.» (p. 159).

Esta voz anónima é, porém, seguida de um juízo crítico certeiro:

«Uma das inferioridades da América é a falta de ciências filosóficas, de ciências históricas e de ciências sociais.

A nação que não tem sábios, grandes críticos, analisadores, filósofos, reconstruidores, ásperos buscadores do ideal não pode pesar muito no mundo político, como não pode pesar muito no mundo moral.» (p. 159).

E resume a sua crítica à indústria americana, com a frase:

«Ora toda a América económica se explica por esta palavra - feudalismo industrial. » (p. 160).

Critica, também, os americanos em geral, figurados nos marinheiros do "Miantonomah" – os marinheiros que «em baixo riem, cantam, baloiçam-se, pulem os aços dos maquinismos, cachimbam, lêem a Bíblia – serenos.» (p. 157).

Mas a Europa também não escapa ao seu espírito crítico:

«O nosso mundo europeu é também uma estranha amontoação de contrastes e de destinos; (...) é uma confusão horrível de mundos, e, em cima, triunfal e soberba, está a indústria, entre as músicas dos metais, as arquitecturas das Bolsas, reluzente, cintilante, colorida, sonora, enquanto no vento passa o seu sonho eterno que são fortunas, impérios, festas, empresas, parques, serralhos.

Ora em baixo, sob a confusão, sereno, fecundo, forte, justo, bom, livre, move-se em germe um novo mundo económico.» (p. 160).

E termina com uma comparação com a América:

«Este germe é que a América não tem, creio eu. Mas vê-se que todos a apontam como o ideal económico que é necessário que os pensadores meditem, e todos os que no vazio fecundo das filosofias riscam as sociedades.» (p. 160).

***Misticismo Humorístico*** – A última parte desta "Prosa Bárbara" – já referida a propósito do tema da imortalidade da matéria e da mortalidade da alma, onde se salientam afirmações de panteísmo – faz reviver o velho tema do "desconcerto do mundo", já documentado na lírica trovadoresca, num sirventês de crítica social: «Vej'eu as gentes andar revolvendo / e mudando aginha os corações / do que põe entre si a jurações» (...)[14] e na lírica camoniana, na esparsa «Os bons vi sempre passar / no mundo graves tormentos; / e, para mais me espantar, / os maus vi sempre nadar / em mar de contentamentos.» (...)[15]

Eça fala-nos das razões que levaram o seu amigo, antigo camarada, a fazer-se saltimbanco:

«Cansado dos pedantes, dos burgueses, dos ventres mercantis, dos imbecis afo-



[14] Correia de Oliveira e Saavedra Machado – *Textos Portugueses Medievais*, Coimbra, 1969, pp. 148-149.

[15] Ema Tarracha Ferreira e Beatriz M. Paula – *Textos Literários, Século XVI*, 3.ª ed. corrigida e aumentada, Ed. Aster, Lisboa, p. 455.

gados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços.» (p. 169).

A resolução do seu amigo tem a sua plena aquiescência, traduzida numa frase curta: «Fez bem.» e numa interrogação retórica: «Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?» (p. 169).

Eça denuncia aberta e humoristicamente o mundo burguês em que impera o orgulho, a ambição, a riqueza… Assim, o seu saltimbanco "Fez bem". O seu saltimbanco, de "alma de ouro" e "coração de diamante" tem, agora, a seus pés, "a multidão extática" que um dia o tomará "por um ídolo" e o fará "igual aos deuses"! (p. 169).

Mas o mundo continua a ser um "desconcerto". E o Autor "sonha", isto é, visiona para o seu amigo um fim de miséria e de solidão, de tal modo que o dia da sua morte será o seu melhor dia. Quer dizer, aquele que «Viu durante a vida todo um povo curvado, aplaudindo», «um dia morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol» (p. 170), aquele que tinha «a alma de ouro e o coração de diamante» (p. 169).

**6. Tema da crítica das Artes**

Além de outros temas, implícita ou brevemente referidos ao longo deste trabalho, como o da morte, o do amor, não poderíamos deixar de focar o Eça, crítico de Arte.

**Uma carta** – «Meu caro Mayer: - Naqueles tempos, segundo a fórmula do Evangelho, o romantismo estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.»

O próprio Autor mostra-se surpreendido com tudo que dissera, pelo que, no final, se interroga:

"O que significa esta carta desordenada em que me deixei ir, contra os meus hábitos impassivelmente silenciosos, a falar vagamente em literatura?" Nada, senão que num dia de tristeza e de frio eu quis fazer uma romaria saudosa àqueles tempos distantes em que nós vivíamos numa noite de ideais e de desejos, alumiados pelos astros – Shakespeare, Dante, Rabelais, S. João, Goethe e Cervantes, e tendo sempre na alma aquela ternura luminosa – que vinha de uma aurora serena, clara, imensa, purificadora e consoladora: Jesus Cristo!

Teu
Eça de Queiroz

Transcrevemos a opinião de Machado da Rosa sobre esta *Carta a Carlos Mayer*: "… apesar de alguns exageros, é um notável artigo de crítica literária", onde perpassa já a sua "vigorosa ironia".

"Essa Carta", continua, "não é só a revelação episódica de um escritor de raça, mas também um documento precioso sobre as tendências do seu espírito de crítico."[16]

Mário Vieira Carvalho, professor da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde tem leccionado várias cadeiras relacionadas com a Música – Sociologia da Música, História da Música (séc. XX), Estética Musical - tem-se debruçado no campo da investigação, entre outros temas, sobre a Música e a Literatura, designadamente em relação com Eça de Queirós.[17]

Por se considerar de interesse, transcrevem-se da Bibliografia apresentada no Programa do "XVIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim" algumas publicações aí referidas, relacionadas com a Música e a Literatura, nomeadamente a música e Eça[18]:

Santos Alves, Manuel, "Música no



[16] Alberto Machado da Rosa – *Eça, discípulo de Machado?*, Ed. Presença, Lisboa, 1964, p.41.

[17] Mário Vieira de Carvalho fez a apresentação, no dia 21 de Julho de 1966, no Monumental Casino da Póvoa de Varzim, de um Concerto integrado nas Comemorações do 150º aniversário do nascimento de Eça de Queirós.

[18] *XVIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim*, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1966, p.81.

Texto: A Fonoteca Imaginária na Obra de Eça de Queirós", Dedalus, ¾ (1993/1994): 233-252.

Santos Ferro, Luís, "Música", Dicionário de Eça de Queirós (coordenação de A. Campos Matos), 2.ª ed., Lisboa, Caminho, 1993.

Vieira de Carvalho, Mário, Eça de Queiroz e a Ópera no Século XIX em Portugal in Colóquio-Letras 91, (1986): 27-37.

Vieira de Carvalho, Mário, Eça de Queiroz: da música absoluta ao couplet de Offenbach, Eça e os Maias (Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos), Porto, Edições Asa, 1990: 47-59.

Vieira de Carvalho, Mário, Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos desde fins do século XVIII aos nossos dias, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Vieira de Carvalho, Mário, Música e crítica da cultura na colaboração de Eça de Queirós para a Gazeta de Portugal e o Districto de Évora, Queirosiana, 5/6 (1993/1944): 173-191.

Vieira de Carvalho, Mário, "Roman als Offenbachiade – Ein Beispiel von Intertextualität zwischen Musik und Literatur", Musik als Text. Bericht über den internationalen Kongreb der Gesellschaft für Musikforschung, Freiburg im Bresgau, 1993 (ed. Hermann Danuser), Kassel, Barenreiter-Verlag [no prelo].

Vieira de Carvalho, Mário, "A música e o cosmopolitismo da capital: Uma aproximação a Eça de Queirós em diálogo com Walter Benjamim", comunicação ao *III Encontro Internacional de Queirosianos*, Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Portugueses, 18 a 21 de Setembro de 1995.

De notar a opinião de Mário Vieira de Carvalho sobre os conhecimentos musicais revelados pelo Eça das *Prosas Bárbaras*:

"O facto de alguns desses folhetins (de entre os publicados em 1866) evidenciarem uma cultura musical invulgar para o meio pode legitimar a suposição de que essa informação terá sido colhida sobretudo em fontes literárias, pois que é também a partir de 1867, através da convivência com Augusto Machado que passa a alimentar-se boa parte da experiência musical de Eça de Queirós."[19]

A contribuição do maestro Augusto Machado para a divulgação da música europeia em Portugal é assinalada pelo próprio Batalha Reis na sua "Introdução" às *Prosas Bárbaras* (pp. 16-17), e por Vianna Moog, referindo-se ao encontro ocasional de Eça com o seu jovem amigo: "Pelo que podia concluir da conversa de Batalha Reis, os seus folhetins haviam produzido nele uma impressão comparável apenas à que na música anteriormente experimentara com os *Prelúdios e as Fugas* de Bach ou com as sonatas de Mozart e Beethoven, que o maestro Augusto Machado acabava de trazer de Paris, para o conhecimento de Portugal."[20]

**"Da Pintura em Portugal"** – Este "Folhetim" começa por uma comparação entre a arte plástica portuguesa e a de alguns países da Europa – Alemanha, França, Itália e Espanha.

Transcreve-se o seu primeiro parágrafo, onde Eça servindo-se de metáforas expressivas nos dá a sua opinião crítica sobre o estado da arte em Portugal:

«Quando penso na relação da arte plástica em Portugal com toda a imensa criação das escolas da Alemanha, de França, de Itália e de Espanha, tenho a recordação instintiva e estranha de um escultor de madeira nos tempos góticos. O artista esculpe o pau, cria um entrelaçamento de figuras, de virgens ascéticas, de diabos satíricos, de monges grotescos, de rosáceas e de folhagens, e

[19] Mário Vieira de Carvalho – Ibidem, pp.71/72. Ver as referências musicais nos Folhetins: "Sinfonia de Abertura", "Mefistófeles", "Macbeth".

[20] Vianna Moog – *Eça de Queirós e o século XIX*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, p.79.

enquanto a obra toma relevo, se destaca, se anima, toda cheia de ideias, de sentimentos, de crenças – quase um cântico de madeira – as lascas e as aparas de pau caem no chão, imperceptíveis, chatas, desprezíveis e inúteis. As obras de arte em Portugal são estas lascas e estas aparas que restam da construção do pensamento na arte.» (p. 227).

Seguidamente, procura encontrar as razões por que Portugal não se distinguiu na arte:

«Portugal, na história, é sobretudo um país de luta, de força, de acção material.» (p. 227).

«Portugal é a vigorosa acção vital, o movimento espontâneo, a decisão violenta do sangue.» (p.228).

Após uma definição sintética, mas perspicaz da arte em vários países europeus, termina pelo confronto entre Portugal e a Turquia:

«...a Turquia é o sono animal (...).» (p.228).

«... A Turquia não podia produzir nada porque dormia. Portugal, que é a acção vital, não podia criar nada, porque lutava.

E lutou corajosamente.» (p. 229).

Segue-se uma arguta "síntese artística" do Portugal das Conquistas e das Descobertas:

«As suas epopeias eram os diários de bordo: a sua escultura era a armação dos galeões. Como pintavam eles? Com sangue, nas muralhas. E a sua única música, deles, heróis do Sul, sem os frescos amores, sem os olhares celestes, era sob o céu, o gemido do mar. É por vezes também o grito das aves sinistras: e então o piloto, que seguia atento, no galeão silencioso, a viagem das estrelas dizia: De joelhos, companheiros, é alma de mestre que passa! E todos, de joelhos, rezavam tristemente, na noite, pela alma dos pilotos mortos na viagem das Índias!» (p. 229).

E remata dizendo: «Assim Portugal no passado foi estéril na arte (...).

E no presente é grotesco.» (p. 229).

E passa a falar da arte no presente, começando por usar a estratégia da negação: «não quero falar no drama», (...) «não quero de modo algum falar da arquitectura», (...) «nem da música, porque apenas temos os rouxinóis, mas quero falar levemente de pintura, que tem um fingimento de vida».

Depois de uma análise crítica em que se revela conhecedor dos grandes autores e obras da pintura universal, termina com a condenação da pintura portuguesa:

«... mas eu quero dizer ainda como a pintura portuguesa é a apara inútil de toda a imensa criação artística.

A pintura portuguesa não tem o grande fim ideal da arte, o estudo da beleza nua; não tem sequer o sentimento dramático; não é mesmo imitativa: nem mesmo é cópia estéril!

A pintura portuguesa, quando pinta o corpo, faz-lhe a caricatura; quando quer reproduzir a vida, desentranha-lhe a farsa idiota; quando quer imitar a Natureza, fá-la grotesca e absurda.» (p. 234).

E mais adiante:

«Não há ideias, há cópias estéreis que o desenho torna desconhecidas, e o colorido fantásticas; estuda-se a imobilidade da natureza-morta, desenha-se a atitude banal de um boi a pastar ou uma mulher arrastando grandes folhos, no asfalto de uma rua, e julga-se ser isto uma criação e uma ideia!

Desconhecem o Belo, estragam o Suportável, são péssimos no Péssimo!» (p. 235).

E Eça termina, formulando um desejo relativamente à concepção da arte moderna:

«Termino. Possa esta geração moderna de artistas, compenetrando-se da religião da Arte, estudar, pensar, viver da grande vida espiritual no refúgio e na concepção do Belo. Nós, os que criticamos, temos por única recompensa destes ásperos e dolorosos sacrifícios à verdade a glorificação dos que criam:

e quem estas linhas escreve quereria bem, oh meus amigos, artistas e pensadores, apertar-vos a mão, no dia dos triunfos, lembrando-vos que se já houve uma raça de homens que deram a este país a força, que é o ideal do corpo, haja agora uma geração nova que lhe dê o ideal, que é a força da alma.» (pp. 235-236).

Este apelo de Eça faz-nos lembrar o "sonho" de Fernando Pessoa – "criar pela cultura uma nova alma portuguesa". Quer dizer, o Portugal profetizado por Pessoa, o chamado "Quinto Império", situa-se além do material.

De notar as suas palavras, em 1912, em "A Nova Poesia Portuguesa", então publicada na revista *Águia*:

«E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia Nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas daquilo que os sonhos são feitos. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente.»[21]

Como diz João Gaspar Simões, «*Da Pintura em Portugal* é uma diatribe implacável contra as nossas artes. Nela se revela crítico arguto e de posse de uma visão segura em artes plásticas, embora só conheça os pintores estrangeiros de que fala por meio de gravuras.»[22]

Esta restrição sugere-nos a censura dos críticos relativamente à descrição dos quadros de Courbet por Eça, na quarta conferência sobre *O realismo, como nova expressão da arte*, realizada no Casino Lisbonense, e onde o seu conceito de arte se revela totalmente oposto ao dos "Folhetins" da *Gazeta de Portugal*.

Diz Cláudio Basto: «Eça não tinha visto os quadros, pelo que afirmam – e foi isso que levou os críticos a censurá-lo, como se todos nós não tivéssemos falado muitas vezes em coisas que nunca vimos, e como se fosse razoável que, dissertando-se acerca de Courbet, e do seu realismo na arte, se não exemplificasse esse realismo!»

Cláudio Basto acrescenta que Eça não plagiou Proudhon, ao descrever os referidos quadros através da visão do Autor francês, pois que o fez espirituosamente, com a sua graça e a sua maneira.[23]

No artigo "O Francesismo", Eça afirma: «Foi por esse tempo que eu e alguns camaradas nos entusiasmámos pela pintura francesa!... É extraordinário, bem sei, considerando que estávamos então a seis longos dias de viagem do Louvre e do Luxemburgo, e do *Salon*. Mas tínhamos os críticos, todos os críticos d'arte, desde Diderot até Gautier e era na prosa deste que nós admirávamos extaticamente a sobriedade austera d'Ingres ou o colorido apaixonado de Delacroix.»[24]

**"Onfália Benoiton"** – É um escrito sob a forma epistolar, inspirado na representação da peça "A Famíla Benoiton", de Victorien Sardou, a que Eça assistira no Teatro da Trindade.

Começa o seu folhetim dizendo:

«Quem se lembra hoje da história de Onfália Benoiton, uma mulher nervosa, e de Estêvão Basco, um homem vencido e esquecido, e que todavia foi um homem?

As cartas que contam esta história de martírios reais e de falsas glorificações, tenho eu a alegria mefistofélica e bárbara de as copiar aqui.» (p. 257).

A primeira carta é o retrato crítico da senhora Benoiton, alargado por constantes "desvios" de ordem cultural, acabando por transformá-la numa figura simbólica:



[21] Fernando Pessoa – *A Nova Poesia Portuguesa*, Cadernos Culturais, Inquérito, n.º 84, 2.ª edição, Lisboa, p.106.
[22] João Gaspar Simões – *Eça de Queirós, O Homem e a Obra*, Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1945, p.164.
[23] Cláudio Basto – Foi Eça de Queirós um plagiador?, Edição de Maranus, Porto, 1924, pp.156-157.
[24] Eça de Queirós – Obras. Últimas Páginas in "Francesismo", Porto, Lello & Irmão, vol II, p.817.

«É toda a síntese do nosso tempo: é a entrevista grotesca dos erros modernos. O olhar metálico é o símbolo do dinheiro. (…)

A mão delgada, flexível, magra, adunca significa a agiotagem, o materialismo avaro e covarde.

Onfália Benoiton é a tragicomédia da afectação e da vaidade. Para modelar a sua alma seria necessário inventar uma lama.» (pp. 258-259).

A carta termina com um comentário, repassado de uma ironia macabra, bem queirosiana:

«Assim vive na comédia do luxo, radiosa, contente, idiota, desfolhando o corpo, pensando nos vestuários, criando enfeites, até que Deus, por entre as névoas do cemitério, lhe mostre o último figurino, o supremo adorno sinistro – a mortalha à Benoiton!» (p. 259).

Este final é seguido da seguinte nota:

«Este tipo, felizmente, não existe em Portugal. Podemos aplaudir-nos desta inocência relativa. Existe sobretudo em New York, Paris, Londres e S. Petersburgo. É o último resultado das civilizações violentas. Aqui está traçado arrebatadamente, à maneira das pinturas de Goya. No entanto existe, idiota e inofensivo, e sobretudo inofensivo.» (p. 259).

Uma vez mais, a intertextualização entre a Literatura e a Pintura.

A segunda carta é o retrato do poeta Estêvão Basco, «uma alma justa e sã, mas tímida e apaixonada.» (p. 260).

E mais adiante: «Mas o que fará a sua voz, cheia de equidade que lhe enche o peito, neste tempo de instintos animais, e de consciências fluídas?» (p. 261).

A resposta é-nos dada na terceira carta, da autoria de Jacques, «um pobre artista, escultor medíocre, imitador dos gregos.» (p. 263).

Estêvão Basco, conhecendo Onfália, não resistiu ao seu pedido: «que lhe limpasse o vestido, enlameado nas ruas do jardim». E o narrador diz ironicamente: «Estêvão limpou o pó, a humidade e a lama.»

E a seguir, as consequências no amante transformado: «Desde então, Estêvão Basco tirou lentamente da alma, uma a uma, as santas ideias castas, a Justiça, a Beleza, a Razão, a Honra, para dar lugar à imagem coberta de sedas e de cabelos mortos de Onfália Benoiton.» (p. 264).

Abandona a mãe e as irmãs a quem socorria, e casa com Onfália, que após dois anos, o atraiçoa, cometendo várias infidelidades e acabando por fugir com Mincoso, um jogador terrível. Estêvão acaba num hospital, abandonado por todos.

João Gaspar Simões diz que «esta Onfália Benoiton é antecipação das perversas mulheres que se estadeiam na sua obra. (…) A primeira perversa da sua galeria é esta Onfália Benoiton, da Gazeta de Portugal, inspirada em Sardou.»[25]

Estas cartas revelam não só o crítico de arte, como já se antevê nelas o futuro crítico da sociedade.

Terminamos este tema da crítica das artes, fazendo nossas as últimas palavras da *Nota Introdutória* da obra abaixo citada de J. Gaspar Simões: «… o autor de *Os Maias* não foi em toda a sua vida senão um Artista: É, pois, ao Artista que presto esta homenagem despretensiosa.»

Queremos também pôr em destaque a epígrafe da mesma obra:

«A arte é tudo, porque só ela tem a duração e tudo o resto é nada!»[26]

Cremos que Eça foi sempre fiel a esta reflexão.



[25] Ver nota 7, p.168.

[26] Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas* in *Três Prefácios – I Prefácio dos Azulejos do Conde de Arnoso*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, p.110.

## CONCLUSÃO

No fim deste estudo sobre as *Prosas Bárbaras* não nos surpreende que esses "Folhetins" tenham sido notados, aquando da sua publicação, como "novidade extravagante e burlesca".

O jovem Eça formara-se em Direito, em Junho de 1866. Parte de Coimbra "carregado com o tradicional canudo e com o gigantesco mundo dos seus sonhos"[27].

Referindo-se à sua vida de estudante de Coimbra, diz nas *Notas Contemporâneas*:

«E em cada estrela plantávamos uma tenda, onde dormíamos e sonhávamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra estrela, porque éramos verdadeiramente, por natureza, ciganos de ideal.»[28]



Quer dizer, a sua juventude passa-se num clima quase exclusivamente dominado pela imaginação e é com 21 anos, ainda estudante, que publica na *Gazeta de Portugal*, em Março de 1866, *Notas Marginais* – a primeira estreia literária.

Após a sua ida para Lisboa, os folhetins da *Gazeta de Portugal* passarão a ter uma publicação regular, de Março a Dezembro de 1866, até à sua deslocação para Évora, onde dirigirá um jornal, "O Distrito de Évora". A segunda série dos "Folhetins", de Outubro a Dezembro de 1867, iniciar-se-á com o seu regresso à capital.

Concordamos com Álvaro Lins, quando afirma que «estes folhetins formam o oposto do que será a sua literatura».[29] Ressalvamos, sobretudo, o folhetim *Lisboa*, em que já se adivinha o Eça crítico de costumes.

Demos, uma vez mais, a palavra a Álvaro Lins: «Mais tarde haveria de se espantar do abuso das imagens, dos adjectivos que se acumulavam, em desordem, na frente e nas costas dos substantivos. (...) Haveria também de achar estranho que tivesse transmitido um conceito de arte que seria o oposto da sua»[30]: «Na arte só tem importância os que criam almas, e não os que reproduzem costumes. A arte é a história da alma. Queremos ver o homem: não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pela cidade, mas o homem livre, colocado na livre natureza» – afirma Eça em *Uma Carta*.[31]

Citamos a opinião de mais dois críticos ecianos sobre este assunto:

«Mas – como ainda está longe o estilista de *A Cidade e as Serras*! – esses folhetins de prosa bárbara, eriçados de imagens sinistras, impenetráveis para qualquer espírito amante da ordem clássica, causam o maior dos escândalos.»[32]

«No lírico das Notas Marginais – página escrita aos vinte e um anos – não passa nem de longe a sombra do analista de *O Crime do Padre Amaro*.»[33]

Entretanto, é de assinalar a observação de Alberto Machado da Rosa sobre as duas séries de folhetins da *Gazeta de Portugal*:

«Os folhetins de Março a Dezembro de 1866 são mais bárbaros que os de Outubro a Dezembro de 1867: em 1866 as girândolas de nomes, adjectivos e verbos, e as séries das suas combinações são mais estralejantes e dissonantes que em 1867. Um confronto entre *A Península* (27-11-1866) e *Lisboa* (13-10-1867) ou entre os *Poetas do Mal* (21-10-1866) e *Uma*

---

[27] Antero Vieira de Lemos, *Eça de Queirós, o seu drama e a sua obra*, Porto, 1945, p.61.

[28] Eça de Queirós – *Notas Contemporâneas*, in "Um génio que era um santo", Ed. Livros de Portugal, Lisboa, s/d, p.256.

[29] Álvaro Lins – *História Literária de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, 1964, 4.ª ed., p.39.

[30] Idem, Ibidem, pp.39-40.

[31] Eça de Queirós – "Uma Carta", in *Prosas Bárbaras*, ed. Livros do Brasil, Lisboa, s/d, p. 221.

[32] Vianna Moog – *Eça de Queirós e o século XIX*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, 5.ª edição, p.77.

[33] João Gaspar Simões – *Eça de Queirós, o Homem e o Artista*, edições Dois Mundos, Lisboa, 1945, p.116.

*Carta a Carlos Lobo Meyer* (3-11-1867) demonstra uma evolução sensível no sentido do abstracto para o concreto.»

E a seguir:

«Entre uma e outra série de folhetins da *Gazeta de Portugal* medeia uma experiência que explica, em certa medida, a evolução que o conduzirá à polémica de *As Farpas*: a direcção e redacção do *Distrito de Évora*, de 6 de Janeiro a 1 de Agosto de 1867.»[34]

Na globalidade, as *Prosas Bárbaras* são o produto de toda uma atmosfera de alucinação e fantasia, fruto da leitura entusiástica dos livros de Além-Pirinéus, ansiosamente esperados por Eça e os seus colegas de Coimbra, acorrendo, pressurosos à chegada de cada comboio.

Registamos a opinião de Batalha Reis:

«Esses *Folhetins* foram-me uma revelação – não tanto nos assuntos e na intenção, como no poder de realização artística: enfim, encontravam formas e cores intensas de expressão, factos, antes, na literatura portuguesa, muito insuficientemente revelados.

Pelos pontos de vista, pelo estilo, esses *Folhetins* eram, ainda no ano de 1866, uma quase inteira novidade para os leitores da língua portuguesa.[35]

Estilisticamente, as *Prosas Bárbaras* são, com efeito, uma das grandes revoluções na nossa literatura e causam estranheza na massa de leitores, habituados, na época, à prosa ultrapassada de Castilho.

Estranharam a riqueza da adjectivação, a originalidade das metáforas, a par da musicalidade de uma prosa, que é «a explosão duma alma nova, ardente e que se não pode conter».[36]

É, porém, Ernesto Guerra da Cal, no seu exaustivo estudo sobre a língua e estilo queirosianos quem melhor caracteriza sob o aspecto formal essas páginas "extravagantes", que «representam, no tom geral, um carácter distinto do resto da sua obra», apesar de já ali estarem «em gérmen, em estado de larva, e confuso às vezes, juntamente com muitos dos processos que hão-de vir a constituir o essencial da sua maneira estilística, muitas das palavras básicas do seu léxico».[37]

Neste léxico de iniciação, encontramos, como nota Guerra da Cal, um vocabulário típico do baixo-romantismo: "morte, túmulo, sudários, medo, horror, trevas, espectros, aparições, uivos, coveiros, chuva, vento, névoa, carrasco, mochos, corujas, milhafres, abutres, etc.»[38]

Aliás, o Eça irónico revelava conscientemente a convivência literária com estes elementos tétricos. Entrando a horas tardias no quarto do amigo (Batalha Reis), com as suas folhas de papel na mão, dizia:

«- Sou eu, sim amigo.»

«- Sou eu e os meus abutres: vimos criar, devorando cadáveres!»[39]

E em 1891, já quase no fim da sua vida dirá ao amigo. «Estou seguindo o teu antigo conselho, enevoei-me outra vez, totalmente, no fantástico – quase naquele velho fantástico da *Gazeta de Portugal*, feito agora com menos abutres e em prosa talvez menos bárbara (...)».[40]

A par destas formas de «carácter sinistro, tétrico, espectral e misterioso», um vocabulário litúrgico-religioso, já explorado por



[34] Alberto Machado da Rosa – Eça, discípulo de Machado?, Editorial Presença, Lisboa, 1964, p.41.
[35] Eça de Queirós – Prosas Bárbaras – "Introdução" de Jaime Batalha Reis, Livros do Brasil, Lisboa, p.17.
[36] Moniz Barreto – Repórter, p.1888.
[37] Ernesto Guerra da Cal – Língua e Estilo de Eça de Queiróz, Aster, Lisboa, 1953, pp.72.
[38] Idem, Ibidem, p.72.
[39] Eça de Queirós – Prosas Bárbaras – "Introdução" de Jaime Batalha Reis, Livros do Brasil, Lisboa, pp.12-13.
[40] Idem, Ibidem, p.46.

Chateaubriand e usado por Eça «com um carácter puramente estético», ligado até a situações profanas: «Deus, hóstia, missa, catedral, coro, canto, oração, alma, sacerdote, anjos, salmos».[41]

De notar também toda uma adjectivação patética, huguesca, com «um halo sobrenatural de realidade agigantada e fantástica: sinistro, horrível, mórbido, tenebroso, medonho, lúgubre, sobrenatural, apocalíptico, lancinante, imenso, bárbaro».

De influência baudelairiana, o vocabulário da podridão das *Fleurs du Mal*: «podridão, peste, apodrecimentos, lepras, febre, vermes, cadáveres, mole, lívido, descarnado, roxo, gangrenado, etc.».

Encontramos também outros termos, ainda mais desusados, na época: «a terminologia das ciências (de Darwin, Huxley), como átomos, pólen, corolas, constelações, etc.; a terminologia da mitologia, do folclore e das tradições populares germânicas (das traduções de Heine e Hoffman): nixes, willis, elfos, ondinas, etc.».

Transcreve-se o último período deste estudo sobre as *Prosas Bárbaras*: «Todo este léxico de tão diversas procedências, activado por uns verbos exacerbados, dramáticos e uma sintaxe que rompia com todas as normas sacrossantas do purismo vernacular, era fatal que causasse surpresa e escândalo.»[42]

***Prosas Bárbaras* – Uma novidade extravagante e burlesca** (1.ª fase da vida literária de Eça de Queirós).

**Maria da Conceição Nogueira**

**Nota:** Texto escrito, a pedido da Autora, segundo o antigo Acordo Ortográfico.



**BIBLIOGRAFIA**

BESSA-LUIS, Agustina – *A Sibila*, Guimarães & C.ª Editores, Lisboa, s/d, 5.ª edição, pp. 174-175.

CAL, Ernesto Guerra da – *Linguagem e estilo de Eça de Queirós*, Aster, Lisboa, 1953, pp. 73-74.

GARRETT, Almeida – *Folhas Caídas*, Textos literários, Seara Nova, Editorial Comunicação, Lisboa, 1978, p.103.

LAGARDE, André; MICHARD, Laurent – *XIV, XVI e XVII SIÈCLES – Les Grands Auteurs Français du Programme*, V, Collection Textes et Littérature, Éditions Bordas, 1962.

LAGARDE, André; MICHARD, Laurent – *XIX SIÈCLE – Les Grands Auteurs Français du Programme*, V, Collection Textes et Littérature, Éditions Bordas, 1962.

LINS, Álvaro – *História Literária de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, 1964, 4.ª edição, pp. 39-40.

MOOG, Viana – *Eça de Queirós e o século XIX*, Editora Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1966, 5.ª edição, p. 77.

QUEIRÓS, Eça de – *Notas Contemporâneas*, in "Um génio que era um santo", Ed. Livro de Portugal, Lisboa, s/d, p. 256.

QUEIRÓS, Eça de – *Prosas Bárbaras*, edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d, com fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura.

QUILLET, *Dictionnaire Encyclopédique*, Librairie Aristide Quillet, Paris, Edition 1975.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. – *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, 1987.

REIS, Ricardo – *Odes*, Obras Completas de Fernando Pessoa, Edição Ática, Lisboa, 1983.

RIBEIRO, Bernardim – *Menina e Moça* ou *Saudades*, Selecção e fixação de texto, introdução, notas e glossário de J. G. Herculano de Carvalho, 2.ª edição corrigida e aumentada, Atlântida, 1966.

SIMÕES, J. Gaspar – *Eça de Queirós, o Homem e o Artista*, Edições Dois Mundos, Lisboa, 1945, p. 116.

*Wikipédia, a enciclopédia livre*

[41] Ernesto Guerra da Cal, Língua e Estilo de Eça de Queirós, Aster, Lisboa, 1953, p.73.

[42] Idem, Ibidem, p.74.

# ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS

## Lar de Terceira Idade

### PIQUENIQUE – DIA 10 DE JULHO

No presente ano de 2019, e de forma a aproveitar o bom tempo, o Lar de Terceira Idade organizou um piquenique para os seus utentes no Parque Raró, em Ferreiró - Vila do Conde. Assim que chegámos ao parque (aproximadamente às 11h), uma vez que ainda era cedo, decidimos realizar primeiramente a visita ao espaço e almoçar depois. Começámos então por visitar os animais (cabras, galinhas, cavalo, burro, patos, porcos e um grande borboletário) e realizámos um percurso sensorial descalços, que foi muito interessante e divertido. Após a visita, realizámos o almoço convívio que terminou com um cafezinho, até que chegou a hora do desporto! Pelas 14h, sensivelmente, iniciaram-se os jogos que decorreram durante toda a tarde – Jogo do *boccia*, *bowling* e tiro com arco. Foi uma tarde bastante divertida com muito boa disposição!

**Utente D. Palmira Lobo (Lar de Terceira Idade):**
*"Gostei de todas as atividades realizadas principalmente por serem ao ar livre e gostei muito do convívio.*
*Adorei o Borboletário porque aprendi coisas novas e foi algo diferente!"*

**Tiro com arco foi uma das atividades no Parque Raró**

### DIA DA AMIZADE – DIA 26 DE JULHO

Para comemorar o "Dia da Amizade", convidámos a Associação de Mosteiró para passar a tarde connosco. Para além do convivermos um pouco, realizámos o Jogo do Bingo que é uma atividade que todos apreciam. A atividade foi realizada na sala do Centro de Dia e houve tempo para duas partidas. No final do Jogo, os nossos utentes ofereceram a todos os convidados um ambientador em saco, elaborado pelos próprios na atividade "Trabalhos Manuais". Foi uma tarde bastante agradável e com alguma emoção, pelo facto de reencontrarem pessoas conhecidas e relembrarem tempos passados.

**Utente Sr. José Teixeira (Centro de Dia):**
*"Foi um dia de encontro, de amizades, de conhecimentos e que se deve repetir para o bem de todos, moral e mentalmente."*

**Agradável convívio entre instituições**

### VINDIMAS – DIA 27 DE SETEMBRO

No Lar de Terceira Idade não podíamos deixar passar em branco a época das Vindimas! Sendo esta uma tradição bastante antiga e muito apreciada pelos

utentes, aproveitámos para contribuir na "apanha da uva" e assim passar uma manhã diferente.

Realizámos uma pequena visita à quinta (em Macieira, Vila do Conde) apreciando os diversos animais (vacas, pónei, galinhas, pássaros...) e posteriormente fomos até ao terreno onde os utentes colheram e comeram algumas uvas. No final da colheita, os mesmos tiveram também a oportunidade de provar o sumo da uva sendo, portanto, a recompensa depois de tanto trabalho! Até que chegou a hora do regresso, com algum cansaço visível mas uma enorme satisfação por, mais uma vez, participarem ativamente nesta tradição!

**Utente Sr. Eduardo Ferreira (Centro de Dia):**
*"Gostei de ver os nossos colegas a colher as uvas e os miúdos também! E a ramada estava carregadinha de uvas...gostei muito!"*

**Cumpriu-se a tradição das vindimas**

## DIA INTERNACIONAL DO IDOSO E DIA MUNDIAL DA SAÚDE MENTAL – DIA 12 DE OUTUBRO

Para a comemoração do "Dia Internacional do Idoso e Dia Mundial da Saúde Mental", o Lar de Terceira Idade proporcionou aos seus utentes e familiares uma tarde de festa. Assim, a tarde do dia 12 de Outubro contou com um programa especial. A festa foi realizada no auditório do centro com três atuações: (1) atuação da "Estrela" que cantou diferentes temas musicais antigos, permitindo aos utentes uma viagem ao passado e reviver emoções; (2) atuação de Dança do grupo "Let`s Move", que animou a sala com a sua prestação e, por fim, (3) a atuação da Tuna "Dinossénior" que animou o público com os seus temas. Depois das atuações, a festa continuou com o encaminhamento de todos os presentes às salas de refeições onde foi servido um lanche ajantarado e onde se conviveu um pouco. Foi uma tarde muito bem passada, bastante animada e de muita alegria.

**Utente D. Maria José Carvalho (Lar de Terceira Idade):**
*"Foi um dia bonito. Cantaram, dançaram... e nós gostámos muito."*

**O grupo de dança "Let's Move" animou o dia**

**A Tuna "Dinossénior" encantou todos com os seus temas**

**FESTA DE NATAL – DIA 14 DE DEZEMBRO**

Um dos eventos especiais que o nosso centro proporciona aos seus utentes e familiares é, sem dúvida, a "Festa de Natal". Tal como nos anos anteriores, a festa contou com a participação de vários grupos, nomeadamente:

- Grupo de Teatro das Colaboradoras, com a apresentação de uma peça cómica intitulada *"Quem quer casar com o meu filho que é pastor?"*, que animou a plateia;

- O Rancho Etnográfico Os Amigos da Borga – de Tougues, que os utentes tanto adoram;

- Grupo de Teatro dos Utentes, com a peça *"As Rainhas Magas"* que tiveram uma prestação fantástica;

- E por fim, terminámos a festa em beleza com um coro de Natal. Representado por utentes, familiares e alguns colaboradores, cantámos em conjunto a música "A Todos um Bom Natal", que é bem conhecida de todos nós e onde todo o auditório acompanhou!

No final da festa, os utentes, seus familiares e convidados foram encaminhados para as devidas salas onde se realizou o lanche de Natal. Foi uma tarde com bons momentos de convívio, muita animação e estreitamento de laços familiares.

Aproveitamos para agradecer a todos os intervenientes da festa pois, sem eles, ela não teria todo este brilho.

**Utente D. Rosa Mota (Centro de Dia):**
*"A Festa de Natal foi excelente em todos os sentidos! Foi um dia de união entre todos… podia haver mais festas assim!"*

**A Festa de Natal contou com a participação de vários grupos que animaram os utentes e familiares**

Mais um ano está a findar…

Um ano em que este Equipamento Social completou 30 anos de existência, repleto de histórias, de alegrias, algumas conquistas, algumas tristezas. Contudo, há um sentimento que permanece intacto e que a força do tempo não derruba: continuamos com a certeza de que queremos manter os nossos objetivos de vida (transformar as nossas preocupações diárias em desafios, o sofrimento em esperança, as tristezas em alegrias) e, acima de tudo, caminhar em sintonia com o modo de vida de Jesus, porque esse é o sentido que dá vida e felicidade, a felicidade que queremos continuar a cultivar no nosso Lar de Terceira Idade.

Obrigada a todos aqueles que caminham ao nosso lado no dia-a-dia e que concretizam o modo de vida de jesus, junto daqueles que são a razão do nosso trabalho – os nossos Utentes.

# Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência

Durante o período de julho a dezembro, realizaram-se inúmeras atividades no nosso Centro, que fizeram de todos os dias uma festa e divertimento sem fim. Por questões de espaço, destacamos apenas algumas, que aqui partilhamos com os leitores da Revista Santa Casa.

**Julho**

O sol radiante ofereceu-nos a possibilidade de atividades brilhantes!

**24º Aniversário da inauguração do Centro:** esta festa é sempre esperada com muito entusiasmo por todos aqui no Centro, pois é o nosso aniversário! Este ano o programa foi de arrasar, com a visita do Bonga e da Juliana com as suas danças de Semba e Afrohouse, do Bino Ribeiro (Guitarra, Voz e Harmónica) e do Milton Guedes (Saxofone) e do grupo musical "PauTezzo"! Ainda fizemos uma reunião com as famílias e um lanche convívio memorável. Foi um dia muito especial!

**Um dia de festa cheio de música e dança**

**Campo de Férias da comunidade Fé e Luz:** como alguns dos nossos utentes fazem parte ativa desta comunidade, lá foram de mochila às costas para Apúlia, para participarem neste campo de férias com as comunidades Fé e Luz de Portugal. O tema deste ano foi os Super-heróis com os seus superpoderes da amizade, alegria, fé e paz. Como podeis imaginar... foram dias fantásticos de convívio, para não mais esquecer!

**Agosto**

No auge do verão... a satisfação pelas atividades tocou o céu!

**"Atividades de Verão":** a Comissão de Utentes prepara este mês com muito detalhe e maestria, pois recolhe as sugestões de todos os colegas! Depois é só preciso pôr mãos à obra e, claro, o resultado foi brilhante! Houve lugar para diversos torneios, atividades de culinária, participação na Agrosemana, passeios dos diversos grupos, participação no espetáculo de rua "Um Porto para o Mundo"... Foi de mais! Melhor era impossível!

**Visita à Agrosemana**

**Massagens Terapêuticas e Aulas de Qi Gong:** no meio de tantas atividades neste mês, tínhamos que arranjar tempo... e desculpas para relaxar! E nada melhor que as mãos e a arte da nossa brilhante voluntária Iva Sarai, que nos levou ao céu, com as suas massagens terapêuticas e as aulas de Qi Gong. As filas de espera eram imensas, mas o contentamento pelo resultado é infinito.

**Setembro**

De volta ao trabalho... mantendo a satisfação!

**Festa de Abertura do CAO:** depois de um mês de atividades diferentes do nosso CAO,

retomámos os trabalhos cheios de energias renovadas! E para começar, nada melhor que uma festa de arromba! Com o cenário montado a rigor, demos vida ao programa televisivo "Dança com as Estrelas". Em equipas perfeitas entre utentes e colaboradores... foi uma festa brilhante, com o privilégio de termos os melhores artistas de Portugal e do mundo no nosso palco! A plateia, ao rubro, nem pestanejava, tamanha era a sua satisfação!

**As estrelas do CARPD brilharam neste espetáculo**

**Feira Social de Vila do Conde:** pelo 10º ano consecutivo, participámos nesta Feira Social, juntamente com todas as instituições/ associações do concelho de Vila do Conde. É uma oportunidade fantástica de partilha, estabelecimento de contactos e parcerias, assim como oportunidade para divulgarmos os serviços, projetos e programas da nossa Instituição.

**A Feira Social permite divulgar a Instituição**

**Outubro**

O início do outono proporcionou-nos atividades para todos os gostos!

**Acampamento anual:** esta atividade, como podeis imaginar, não pode faltar na nossa programação! Os utentes adoram e, pelos vistos, os colaboradores não lhes ficam atrás! São sempre dias especiais de camaradagem, contacto com a natureza e mil diversões! Até o ressonar dos colegas, misturado com o som dos grilos, forma uma melodia tranquila de embalar!

**Passeio de barco**

**Dia das Bruxas:** nos dias anteriores a esta festa, o entusiasmo já era contagiante! Com o nosso Centro decorado a rigor... foi um dia muito divertido, com os utentes a terem um papel muito ativo. Cada sala preparou um disfarce especial, que foi apresentado aos colegas. A criatividade foi brilhante e encheu de espanto a plateia. Como cereja no topo do bolo, o lanche temático, tal como uma poção mágica, teve um sabor especial!

**Todo o Centro se adornou para o Dia das Bruxas**

**Novembro**

Mês especial... da abertura das comemorações dos 25 anos do nosso Centro!

**Festa de S. Martinho:** a festa de S. Martinho é sempre levada muito a sério no nosso Centro! É que o jogo de futebol entre utentes e colaboradores faz parar Touguinha e arredores, como um derby histórico! De tarde, tivemos o privilégio de receber o Bananinha do Recife, que nos ofereceu um concerto privado de música! Foi magnífico e memorável! No final, para retemperar as energias, as castanhas quentinhas... levaram-nos ao céu!

**Abertura das comemorações do 25º aniversário do Centro:** já passaram 25 anos desde o primeiro dia! Para celebrar esta data, foi realizada uma sessão solene de lançamento da agenda solidária "Agendar Vida". A totalidade da receita será canalizada para proporcionar atividades memoráveis e dignas da vida dos nossos utentes e da história dos 25 anos do Centro. Com o envolvimento de tantos amigos, tem sido possível proporcionar momentos inesquecíveis e "impossíveis" aos nossos utentes.

O nosso Grupo "Arte Viva" encantou os presentes

**Dezembro**

A magia do Natal... aqueceu a casa inteira!...

**Dia Internacional da Deficiência:** como não podia deixar de ser, este dia é extremamente importante para o CARPD. Em parceria com a equipa DAP (Deficiência, Abordagem Plurinstitucional), participámos ativamente em atividades significativas na comunidade, e aproveitámos este dia para sensibilizar a nossa sociedade para o valor das pessoas com deficiência, com um olhar especial para as suas muitas capacidades, para os seus sonhos, expectativas e para o calor especial dos seus abraços!

Dia Internacional da Deficiência celebrado com a DAP

**Festa de Natal e Aldeia de Natal Tougulândia:** a magia do Natal contagia toda a gente aqui no Centro. Com uma dedicação extrema, começa-se a preparar a Festa de Natal e mais uma edição da nossa Aldeia de Natal, que encheu o nosso Centro de 1800 visitantes muito entusiasmados! Os nossos utentes, claro, estavam eufóricos, recebendo estes visitantes especiais, com um carinho que só eles sabem fazer!

Visitantes foram bem recebidos na Aldeia de Natal

**NOTA:** tantas outras atividades encheram de alegria e memórias felizes o coração dos nossos utentes; um obrigado especial aos nossos colaboradores, pois são eles o grande motor do nosso Centro e que fazem a diferença, na arte do cuidar!

**Sérgio Pinto**

# Casa da Criança

Em julho de 2019, o ano letivo terminava e, como habitualmente, era o momento de festejar um ciclo repleto de bons momentos, aprendizagens, convívio e brincadeiras. As crianças da Creche e do Jardim de Infância fizeram uma viagem até Vila Nova de Cerveira e foi, no Parque de Lazer do Castelinho, que, durante todo o dia, brincámos, mergulhámos e divertimo-nos bastante, enquanto no mesmo dia as crianças do CATL divertiam-se no parque temático – Magikland, em Penafiel. Este momento só foi interrompido pelo reconfortante almoço, seguido de uma pequena sesta para retemperar forças. Um dia em cheio e a repetir em breve.

**Parque de Lazer do Castelinho**

**Parque temático Magikland**

Após as férias, é tempo de planearmos o novo ano letivo e definirmos o tema a ser trabalhado, que este ano recaiu em "Tradições, Usos e Costumes", com especial enfoque em "Vila do Conde, uma cidade inspirada na história".

Este tema levou-nos a conhecer lugares nunca antes visitados, como museus, monumentos, exposições e tudo o que nos possa desvendar e dar a conhecer um pouco mais da história e da arte, especialmente da cidade de Vila do Conde. A arte é uma maneira particular que uma pessoa desenvolve para expressar suas emoções e seus sentimentos, além disso, cada uma delas pode ter um talento específico e distinto para se expressar. Esse dom artístico pode ser extravasado por meio de desenhos, pinturas, danças, música, entre tantas outras formas e, se desenvolvido desde cedo, ainda na infância, esse talento pode ajudar no aprimoramento de outras habilidades. Entre outras, visitámos a exposição "Júlio e outros modernistas" e "Vila do Conde, tempo e território", ambas no Centro de Memória de Vila do Conde.

**Exposição "Júlio e outros modernistas"**

"A TERRA TREME" é um exercício organizado anualmente pela Autoridade Nacional de Proteção Civil, que pretende alertar e sensibilizar a população sobre como agir antes, durante e depois da ocorrência de um sismo.

Aprendemos que os 3 gestos "BAIXAR, PROTEGER, AGUARDAR" são a melhor resposta para nos protegermos em caso de sismo e, porque a prática é a forma ideal de aprender, realizámos um simulacro

no passado dia 15 de novembro.

O exercício ajudou a conhecer e praticar estes 3 gestos que podem salvar vidas.

**Aprender a lidar com ocorrência de sismo**



Dia Nacional do Pijama é um dia que promove a escola de valores, permitindo que as crianças aprendam a partilhar e a viver a solidariedade. É também um dia que liga a família e a escola, possibilitando a celebração do valor da família e a aproximação entre os pais e a escola.

Neste sentido, decorámos o Centro com desenhos das crianças e mensagens ou pensamentos alusivos a este dia tão especial.

Foi reconfortante observar a relação entre pais e filhos, num ambiente que, apesar de escolar, se transformou nesse dia tão familiar.

**Dia Nacional do Pijama juntou crianças e famílias**

Terminámos o ano com a nossa festa de Natal que decorreu no Auditório da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde no dia 18 dezembro. Assistimos à peça de teatro "Rodolfo vai para Hollywood", que retrata uma noite muita fria de dezembro, em que a rena Rodolfo acorda com a sua boa disposição habitual e começa a dançar com a música nas alturas, enquanto trata da sua higiene diária, mas o Pai Natal que anda cansado com tanto trabalho só quer sossego...Há que pôr ordem na casa.

Foi uma bela tarde de teatro, muitas palmas e gargalhadas à mistura.

**Auditório echeu para este espetáculo**

**Peça de teatro "Rodolfo vai para Hollywood" trouxe boa disposição para as crianças**

# Centro Social em Macieira

Chegam os dias grandes e com eles o sol e as férias. Na praia de Mindelo os meninos de Macieira brincaram e divertiram-se. Fizeram ginástica, construções na areia, deram passeios e grandes mergulhos na água salgada.

Em sintonia com a Natureza e sem sapatilhas nos pés as crianças exploraram o Eco Parque Pé Descalço em Ponte de Lima. Foram muito bem recebidas e passaram um dia de diversão e brincadeira. Em contacto com a Natureza escutaram o seu corpo, os seus sentidos e testaram os seus limites. Dos mais pequenos aos mais crescidos, todos se divertiram e usufruíram deste belíssimo espaço.

**As crianças puderam redescobrir a Natureza...**

**...e desfrutar de atividades divertidas e desafiantes.**

Iniciou-se o ano letivo, recebendo as novas crianças e suas famílias que vêm trazer mais riqueza e alegria a esta já grande família do Centro Social em Macieira.

**Crianças renovam a alegria de começar o ano letivo**

Com a chegada do Outono, vão chegando os doces, compotas e marmeladas. Os meninos e meninas da sala dos 5 anos puseram mãos à obra e fizeram marmelada e doce de chila para angariarem dinheiro para o seu passeio de finalistas.

**Sala dos 5 Anos adocicou a chegada do Outono**

Aproveitando este momento de convívio, todos quiseram estar presentes na Feirinha do Outono, fazer algumas compras e provar as iguarias preparadas pelas nossas cozinheiras e por todos os pais que contribuíram. Também não faltaram os legumes da época e as pinturas faciais para os mais pequenos.

A habitual Feirinha do Outono, repleta de boa disposição e produtos frescos

Ninguém se esqueceu e todos vieram de pijama e peluche para o dia mais fofinho do ano. Lembraram que "todas as crianças têm direito a uma família" e aprenderam ainda mais alguns direitos das crianças. Dançaram com a coreografia da Missão Pijama e brincaram nas suas salas entre tendas, mantas peluches e almofadas.

Dia do Pijama trouxe diversão com sensibilização

As crianças do Jardim de Infância visitaram o Teatro Municipal e num ambiente de encanto e magia assistiram à dramatização da história "Sabes Maria, o Pai Natal não existe". Deliciaram-se com a história e as canções e no final ainda tiveram de surpresa a visita do Pai Natal! Afinal ele existe mesmo e estava ali pertinho mesmo à espera para aparecer!

A peça "Sabes Maria, o Pai Natal não existe" animou as crianças no Teatro Municipal

O Pai Natal fez uma visita surpresa

Já quase quase a chegar ao Natal, a rena "Rudolfo vai para Hollywood" e todos quiseram seguir a história com atenção. Não faltou a música para animar e as pipocas para tornar a festa ainda mais docinha.

# Centro Rainha Dona Leonor

Já 2019 vai a meio e a diversidade das atividades aqui no centro coadunam-se com a época que atravessamos. Com as temperaturas mais quentinhas, Vila do Conde virou um local aprazível para passeios à beira - mar e beira - rio. O CIMM também foi local de várias visitas por parte dos nossos residentes. O ano 2019 foi profícuo para homenagearmos os nossos poetas e escritores portugueses que celebram os seus centenários.

Um dos atelieres que tem vindo a crescer e a dar momentos de boa disposição, socialização e empenho dos residentes é o Atelier de Expressão Escrita e Oral. As atividades neste atelier, têm demonstrado o empenho e participação dos residentes, dada a natureza das atividades que temos vindo a desenvolver (colóquios, teatros).

**Junho**

Os Santos Populares são celebrados desde a confeção dos Santos no Atelier de Saberes (Santo António, S. João e S. Pedro) até à sua colocação num altar na sala de refeições. As tradições desta linda cidade são mantidas e passam pelos dedos das nossas tecedeiras.

**Santos Populares recriados no Atelier de Saberes**

**Agosto**

Gente amiga e disponível veio animar as nossas terças-feiras com fados. Um bem- haja a quem dá o seu tempo em prol dos outros.

Não podemos deixar de homenagear e agradecer o residente que nos deixou este ano, Sr. Abílio Sá Couto, por semana após semana, ter trazido alguns amigos e ter dado música e alegria a quem por um motivo ou outro relembra cantarolando os velhinhos fados de Coimbra com emoção.

**Bons momentos ao som dos Fados de Coimbra**

**Setembro**

Mais um aniversário do Sr. Provedor passado no Centro Rainha D. Leonor.

*"A semente caiu em terra de Visconde,*

*Dela brotou uma ideia e logo cresceu um sonho.*

*Ramo a ramo, a Árvore da Vida foi crescendo,*

*e com ela cresceu um ser de pouca estatura, mas grande em pensamentos.*

*Ao longo de 3 décadas,*

*a Árvore se fez grande e cheia de vida,*

*e com ela cresceu um ser humano feliz e completo de sonhos."*

Árvore da Vida

**Novembro**

Este mês estivemos ativos no Atelier de Expressão Oral e Escrita.

No início do mês apresentámos a peça "D. Quixote de la Mancha". O objetivo desta apresentação era ligar o real ao sonho e perceber o poder de quem lê livros e a capacidade de os interpretar da maneira que os imagina; sejam eles moinhos ou gigantes o importante é ter a capacidade de imaginar, de deixar a mente viajar e como se diz hoje em dia, ter a capacidade de sair da "caixa".

"D. Quixote de la Mancha"

Não temos roupeiro nem palco... mas temos a nossa monitora e amiga, D. Elisabete, a repetir, a repetir: «imaginação, há que ter imaginação!»

Então, continuamos a lutar pela nossa arte e o teatro realizou-se, «D. Quixote de la Mancha».

Os livros de cavalaria enlouqueceram, sim, D. Quixote. Ele montou Rocinante, o seu corcel imaginário, lutou com os seus gigantes e acreditou que um malvado feiticeiro os havia transformado em moinhos de vento.

Salvou os livros da fogueira e acabou por dizer: «Foram eles, os livros, que me despertaram para viver o meu sonho».

E o sonho continuou com a projeção dum vídeo em que Manuel Freire canta a «Pedra Filosofal» de António Gedeão.

É que, na verdade, o sonho comanda a vida.

**Residente Amélia Rothes**

Residente Amélia Rothes

Homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen

Homenageámos os poetas que celebram o seu centenário em 2019: Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen. Com a ajuda de alguns residentes e a nossa parca veia poética, montámos a nossa sala para a tornar mais acolhedora para que

fosse desfiado o rosário das vidas e poemas de tão ilustres poetas. Estivemos uma hora em amena poesia e se para alguns estes poetas já faziam parte do seu reportório literário, para outros foi uma descoberta ver e ouvir que a escrita por exemplo, de Sophia está carregada de sabores "As Rosas", de cheiro "Mar" e de tato em quase todas as poesias relacionadas com o mar. Sophia sentia o mar na sua plenitude, tanto que deixa uma inscrição num dos seus poemas: "Quando eu morrer voltarei para buscar, os instantes que não vivi junto ao mar". Para homenagearmos os poetas nada melhor que ler, ouvir e apreciar cada palavra, cada verso do poeta que mais nos tocar.

**Dezembro**

É chegado o Dia em que vamos festejar o Nascimento de Jesus - Natal.

No visual das pessoas notava-se alegria, expetativa e ansiedade. Os residentes desta casa juntaram-se aos convidados para assistirem à Santa Missa e assim começarem as Festas.

**Eucaristia de Natal**

Dirigimo-nos para as mesas, lindamente enfeitadas, com arranjos alusivos ao Dia e uma oferta em cada lugar (boneco de neve) feito no Atelier por algumas residentes orientadas pela colaboradora D.ª Elisabete.

Foi servido o bacalhau cozido da praxe e, de sobremesa, aletria, rabanadas e bolo-rei. Foi um almoço muito animado.

Seguiram-se os discursos sempre animados para nos avivar a memória. Acho que todas as festas aqui realizadas são bem organizadas.

**Almoço de Natal muito animado**

Os residentes sentem-se contentes e felizes suspirando pela próxima. Um bem-haja para as organizadoras.

**Prof.ª Ofélia Guimarães**

# Centro Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

**Julho**

Iniciámos o mês de Julho com uma visita de dois dias à cidade de Bragança. O bom tempo ajudou ao passeio. Visitámos o Castelo de Bragança, o Museu da Máscara, o Estádio do Bragança, onde um jogador nos presenteou com uma camisola autografada e uma bola de futebol. Fomos ainda recebidos pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal nos paços do concelho. A não esquecer um belo passeio no comboio turístico e a boa comida transmontana!

E, permanecendo o bom tempo, nada melhor que uma ida à praia! Toalhas, protetores, óculos de sol e lancheiras prontas, fomos passar o dia à praia de Mindelo, onde houve espaço para jogar voleibol, apanhar sol e até dar uns mergulhos!

**O Jorge a apanhar sol**

**Agosto**

Já o mês de Agosto começou com um passeio ao Parque Urbano Sara Moreira, em Santo Tirso. A manhã foi marcada pela atividade desportiva nos campos de futebol e voleibol do espaço. Após um saboroso piquenique, a tarde brindou-nos com banhos de sol e brincadeiras de água na Praia Urbana.

Na semana seguinte, realizámos um passeio à cidade de Guimarães, para usufruirmos do nosso prémio de 1º Classificado nos "Jogos sem barreiras", do evento "Todos por uma causa, todos pela deficiência". Assim sendo, visitámos o Paço dos Duques de Bragança e o Castelo de Guimarães no período da manhã, seguido de almoço no McDonald's. No período da tarde, fomos conhecer o Museu Alberto Sampaio.

**Bora lá refrescar!**

**À saída do Paço dos Duques de Bragança em Guimarães**

**Setembro**

Em Setembro, não podemos deixar de assinalar a data de aniversário do Sr. Provedor, tendo para o efeito convidado o mesmo para almoçar no nosso centro.

Visitámos também a Feira Portugal Rural em Vila do Conde. Apesar de esta ser já uma deslocação habitual para os nossos utentes, estes deliciam-se sempre com o contacto com os animais do evento.

A ver os animais na Feira Portugal Rural

**Outubro**

No Dia Mundial da Alimentação, já no mês de Outubro, a Dra. Daniela brindou-nos com uma atividade criativa em que, literalmente, "metemos as mãos na massa". Cada utente teve a oportunidade de criar o seu próprio pão, selecionando os ingredientes para recheio e/ou cobertura do mesmo. O resultado foi delicioso!

A Mariana a preparar o seu pão.

E terminámos o mês com as comemorações do Dia do Halloween. Trajados de negro, com máscaras horripilantes e espaços decorados a rigor, assistimos a um filme assustador e dançámos muito!

Quem será esta figura assustadora?

**Novembro**

E porque não aproveitar as atividades desportivas, para conhecermos as cidades por onde passámos? Foi o que fizemos após uma atividade de natação em Barcelos. Fomos até ao centro da cidade e percorremos as partes mais emblemáticas a pé, com tempo para fotografias muito divertidas.

O famoso Galo de Barcelos

Ainda em Novembro, aproveitando um dia de tréguas da chuva, visitámos a exploração agrícola do nosso parceiro Sr. Carlos Silva, que tão bem sempre nos recebe, seguido de passeio até à Ponte D. Zameiro para alimentar os patos.

**Fomos alimentar os patos**



**Dezembro**

O mês de dezembro traz para nós um dia muito especial: o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. A atividade dinamizada pela equipa DAP trouxe este ano até Vila do Conde os binómios cinotécnicos da GNR, assim como os seus cavalos, para além de numerosos e variados ateliers de atividades no mercado de São João.

E para terminar o ano da melhor forma possível, nada como viver a magia do Natal a assistir a um espetáculo de circo. Foram realmente momentos mágicos...

**À entrada do Circo**

**GNR trouxe cavalos e binómios cinotécnicos no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência**

CENTRO DE REABILITAÇÃO
PROF. DR. JORGE DE AZEVEDO MAIA
Fajozes